**PL ANTIFACÇÃO** O GOVERNO APOSTA NO SENADO PARA REVERTER O PRESENTE DO DEPUTADO GUILHERME DERRITE AOS CRIMINOSOS DE COLARINHO BRANCO

***BYE, BYE,* BRASIL** HISTÓRIAS DE BRASILEIROS QUE DEIXARAM O PAÍS PARA ESCAPAR DE DÍVIDAS. E INFLUENCIADORES FAZEM SUCESSO COM PLANOS DE FUGA

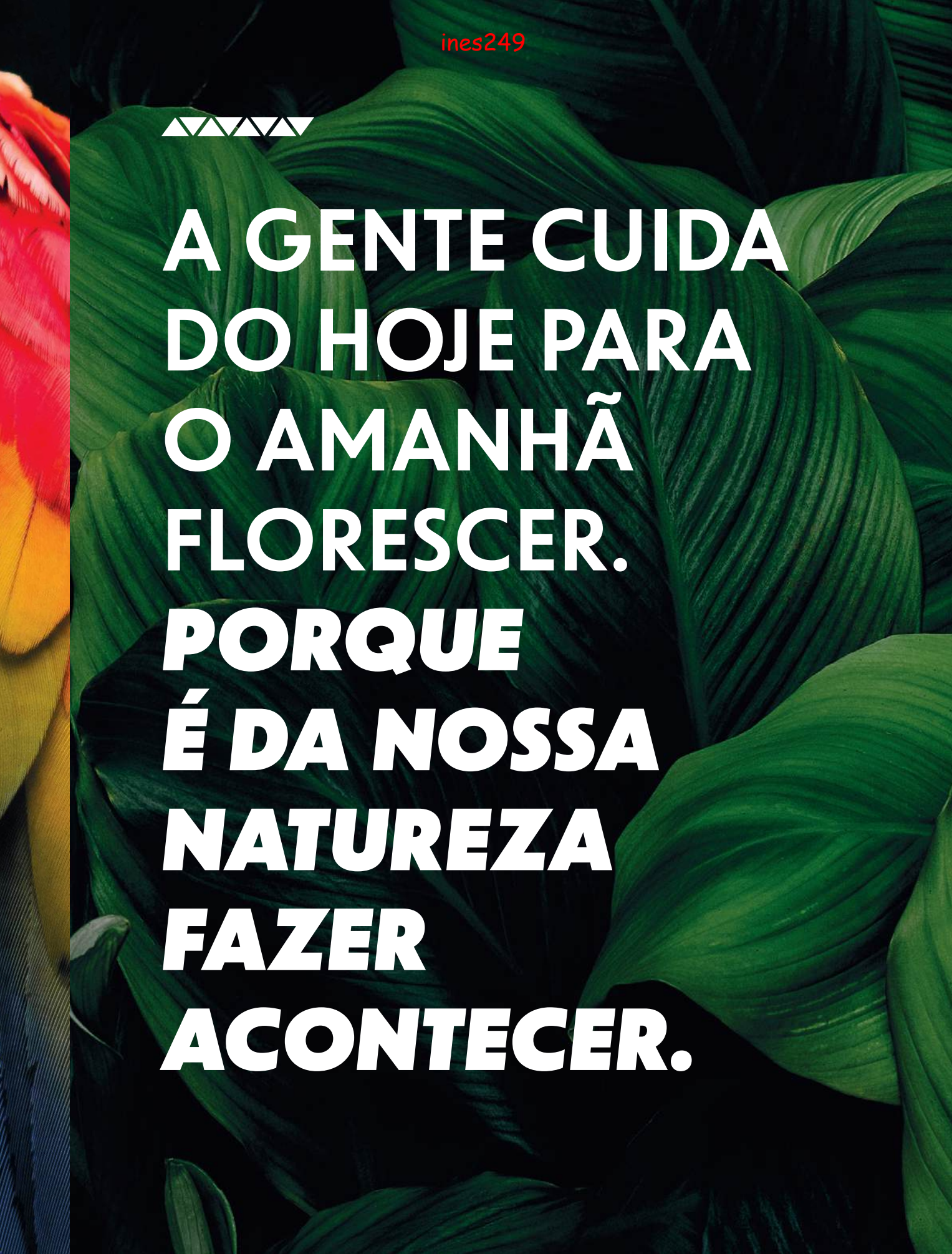
# CartaCapital

cartacapital.com.br
ANO XXXI Nº 1389
R$ 31,90
26 DE NOVEMBRO DE 2025
basset editora

# OPERAÇÃO QUINTAL

**A PRETEXTO DE COMBATER O TRÁFICO, OS EUA EXECUTAM UMA INÉDITA INTERVENÇÃO MILITAR NA AMÉRICA DO SUL. A VENEZUELA É SÓ UM CAMPO DE TESTE**

ines249


A GENTE CUIDA
DO HOJE PARA
O AMANHÃ
FLORESCER.
PORQUE
É DA NOSSA
NATUREZA
FAZER
ACONTECER.

ines249

A CAIXA e o Governo Federal acreditam na construção, hoje,
de um futuro justo, inclusivo e regenerativo.

Por isso, apoiamos diversos projetos e temos soluções que unem
inovação, impacto social e meio ambiente, incentivando a transição
para uma economia de baixo carbono, sem deixar ninguém para trás.

**Do saneamento básico à mobilidade limpa.**
**Da moradia digna ao apoio à cultura criativa.**
**Da inclusão social à autonomia financeira.**

COP30 BRASIL AMAZÔNIA
BELÉM 2025

CAIXA

GOVERNO DO BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

ines249

CartaCapital

*Tudo que importa para quem se importa*

26 DE NOVEMBRO DE 2025 • ANO XXXI • Nº 1389

6 A SEMANA

8 FRED MELO PAIVA

## Seu País

18 CRIME ORGANIZADO O derradeiro relatório de Derrite chicoteia os bandidos pés de chinelo e salva a pele dos criminosos do colarinho branco

22 COP30 Barcarena é um símbolo do impacto das mudanças climáticas

26 CALOTEIROS Brasileiros deixam o País para escapar de dívidas

29 MARIA RITA KEHL

30 DITADURA O papel crucial do cardeal Dom Paulo Evaristo Arns na denúncia da tortura

34 DEFENSORIA PÚBLICA O jogo sujo na disputa pelo comando da instituição

36 URBANISMO Um edifício no centro de São Paulo homenageia Tebas, o arquiteto negro

38 RELIGIÃO O Rio Grande do Sul reúne o maior porcentual de adeptos das religiões afro

## Economia

40 INDICADORES Até quando a economia sustentará o mix de juros altos, expansão do PIB e baixo desemprego?

43 ADALBERTO VIVIANI

44 ANÁLISE Ainda não entenderam o que o Banco Central tem feito

46 AUTOMÓVEIS A brasileira Arrow investe em vans elétricas e automação

**Capa:** Pilar Velloso/ Istockphoto

Dom Paulo Evaristo Arns, símbolo da resistência à ditadura. Pág. 30

# Plural 48

## MESTRES DO PIANO

UMA NOVA GERAÇÃO MISTURA ESTILOS E DÁ UM TOQUE AFRO-BRASILEIRO AO INSTRUMENTO

51 SAÚDE *Por Drauzio Varella* 52 CINEMA *A Queda do Céu* se inspira na obra de Davi Kopenawa 54 LITERATURA *O Talentoso Ripley* é reeditado no Brasil 56 RESENHA *O Golpe Bateu na Trave*, de Leonardo Avritzer 57 AFONSINHO 58 CHARGE *Por Venes Caitano*

REDES SOCIAIS/SENADOR FLÁVIO ARNS E DANI GURGEL

## 10 PATRULHA NO QUINTAL

O IMPACTO DA INÉDITA INTERVENÇÃO MILITAR DOS EUA NA AMÉRICA DO SUL E CARIBE

ines249

CartaCapital

**FUNDADOR:** Mino Carta (1933 - 2025)

**PUBLISHER:** Manuela Carta

**REDATOR-CHEFE:** Sergio Lirio
**EDITOR-EXECUTIVO:** Rodrigo Martins
**CONSULTOR EDITORIAL:** Luiz Gonzaga Belluzzo
**EDITORES:** Ana Paula Sousa e Carlos Drummond
**REPÓRTER ESPECIAL:** André Barrocal
**REPÓRTERES:** Fabíola Mendonça (Recife), Mariana Serafini e Maurício Thuswohl (Rio de Janeiro)

**DIRETORA DE ARTE:** Pilar Velloso
**CHEFES DE ARTE:** Mariana Ochs (Projeto Original) e Regina Assis
**DESIGN DIGITAL:** Murillo Ferreira Pinto Novich
**FOTOGRAFIA:** Renato Luiz Ferreira (Produtor Editorial)
**REVISOR:** Hassan Ayoub
**COLABORADORES:** Adalberto Viviani, Afonsinho, Aldo Fornazieri, Alysson Oliveira, Amanda Queirós, Arthur Chioro, Arturo Hartmann, Augusto Diniz, Carlos Henrique Carneiro da Cunha de Mello Belluzzo, Claudio Bernabucci (Roma), Claudio Couto, Drauzio Varella, Cristina Serra, Elnara Negri, Fábio Mascaro Querido, Fred Melo Paiva, João Paulo Charleaux, Kelvin Falcão Klein, Leneide Duarte-Plon, Lígia Bahia, Luiz Roberto Mendes Gonçalves (Tradução), Marcelo Miranda, Maria Fernanda Vomero, Marjorie Marona, Murilo Matias, Ornilo Costa Jr., Paula Sperb, Paulo Cezar Soares, Paulo Nogueira Batista Jr., Pedro Serrano, Renato Meirelles, René Ruschel, Riad Younes e Sylvia Colombo
**ILUSTRADORES:** Eduardo Baptistão, Severo e Venes Caitano

**CARTA ONLINE**
**EDITORA-EXECUTIVA:** Thais Reis Oliveira
**EDITORES:** Allan Ravagnani, Getulio Xavier e Leonardo Miazzo
**EDITOR-ASSISTENTE:** Gabriel Andrade
**REPÓRTERES:** Ana Luiza Rodrigues Basilio (CartaEducação), Maiara dos Santos Marinho, Vinicius Nunes Souza e Wendal Lima do Carmo
**VÍDEO:** Carlos Melo (Produtor) e Lola Magalhães (Editora)
**ESTAGIÁRIOS:** Ana Luiza Sanfilippo e Danilo Roberto Silva Queiroz
**SITE:** www.cartacapital.com.br

basset editora

**EDITORA BASSET LTDA.** Rua da Consolação, 881, 10º andar. CEP 01301-000, São Paulo, SP. Telefone PABX (11) 3474-0150

**DIRETOR DE OPERAÇÃO E NEGÓCIOS:** Adalberto Viviani
**DIRETORA FINANCEIRA E PESSOAS:** Mara Lúcia da Silva
**GERENTE DE PROJETOS:** Mariana de Mello
**ANALISTA DE PROJETOS:** Gabriela Gomes de Oliveira
**GERENTE DE TECNOLOGIA:** Anderson Sene
**NOVOS PROJETOS:** Demetrios Santos
**AGENTE DE BACK OFFICE:** Verônica Melo
**CONSULTOR DE LOGÍSTICA:** EdiCase Gestão de Negócios
**EQUIPE ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA:** Fabiana Lopes Santos, Fábio André da Silva Ortega e Rita de Cássia Silva Paiva

**REPRESENTANTES REGIONAIS DE PUBLICIDADE:**
**BA/AL/PE/SE:** Canal C Comunicação, (71) 3025-2670 – Carlos Chetto, (71) 9617-6800/ Luiz Freire, (71) 9617-6815, canalc@canalc.com.br
**CE/PI/MA/RN:** AG Holanda Comunicação, (85) 3224-2267, agholanda@Agholanda.com.br
**MG:** Marco Aurélio Maia, (31) 99983-2987, marcoaureliomaia@gmail.com
**OUTROS ESTADOS:** comercial@cartacapital.com.br

**ASSESSORIA CONTÁBIL, FISCAL E TRABALHISTA:** Actual Consultoria S.S Rua Amália de Noronha, 402, 2º andar, sala 02 – SP/SP – CEP 05410-010 www.actual.sc, Telefone (11) 3871-0506

**CARTACAPITAL** é uma publicação semanal da Editora Basset Ltda. CartaCapital não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos assinados. As pessoas que não constarem do expediente não têm autorização para falar em nome de CartaCapital ou para retirar qualquer tipo de material se não possuírem em seu poder carta em papel timbrado assinada por qualquer pessoa que conste do expediente. Registro nº 179.584, de 23/8/94, modificado pelo registro nº 219.316, de 30/4/2002 no 1º Cartório, de acordo com a Lei de Imprensa.

**IMPRESSÃO:** Plural Indústria Gráfica - São Paulo - SP
**DISTRIBUIÇÃO:** S. Paulo Distribuição e Logística Ltda. (SPDL)
**ASSINANTES:** Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

Instituto Verificador de Comunicação IVC
ANER www.aner.org.br

CENTRAL DE ATENDIMENTO

*Fale Conosco:* http://Atendimento.CartaCapital.com.br
De segunda a sexta, das 9 às 18 horas – exceto feriados

*Edições anteriores:* avulsas@cartacapital.com.br

# CARTAS CAPITAIS

## *A NOVA PEC DA BANDIDAGEM*

Sem dúvida, o tema mais delicado à esquerda, aos progressistas, democratas e ao governo Lula é a segurança pública. Trata-se de uma área dominada pela ultradireita bolsonarista com suas redes de *fake news* e pela direita neoliberal (de mercado) com suas tevês, rádios e jornais elegendo seus candidatos, pouco importando sua ligação ao tráfico ou à milícia. Muitos cidadãos da classe média e até pobres não perceberam que o financiamento do narcotráfico está no asfalto, nas áreas nobres das cidades, e nas comunidades vive apenas a raia miúda que vende a droga. Comunidade não produz drogas e armas. Infelizmente, prevalece a pirotecnia midiática da polícia com aval da Justiça, MP, mídia, governadores, principalmente bolsonaristas que não querem combater o narcotráfico. Entram atirando, prendendo e matando a população, cuja maioria é inocente e trabalhadora.
*Antonio Negrão de Sá*

A intenção de Guilherme Derrite, Tarcísio de Freitas, Cláudio Castro e da direita bolsonarista é proteger a bandidagem. Talvez suas campanhas sejam mesmo financiadas pelas milícias e o crime organizado que está no mercado financeiro, enquanto o pobre, o preto e o sujo estão na base da pirâmide, correndo o risco de ser chamados de terroristas e alvo de algum míssil estadunidense, caso fosse aprovada a lei com todas as ignomínias inconstitucionais. Felizmente, as instituições estão atentas e funcionando a contento. Mas ainda temos de enfrentar o pusilânime Hugo Motta dando vez e voz ao licenciado secretário de Tarcísio de Freitas. O Estado da força e da matança está falido, mas o Estado Democrático de Direito deve estar atento a todos esses golpistas ou protogolpistas e oportunistas que desejam agradar ao eleitorado que assiste diariamente àqueles jornais televisivos policialescos, nos quais bandidos pobres são humilhados pela polícia, mas que jamais exibem os meliantes do colarinho-branco punidos pelos crimes maiores no topo da pirâmide.
*Paulo Sérgio Cordeiro Santos*

## *FALÊNCIA DA OI*

A bola da vez agora é a Oi, mas já foi a Gurgel, a Cica, e por aí vai infelizmente. O mercado nunca foi nosso e é sempre atacado por empresas estrangeiras com conivência do Estado, que não garante a reserva de mercado para empresas constituídas no País. Enquanto outras nações lutam para manter suas empresas, por aqui nossas companhias são tratadas como intrusas no próprio território.
*José Carlos Gama*

## *SAÚDE REPRIMIDA*

No país onde os verdadeiros traficantes desfilam de paletó e gravata nos corredores do Congresso, recebem homenagens e usam helicóptero de deputado para transportar cocaína.... Depois, é o dirigente de uma ONG que faz medicamentos à base de maconha que fica preso por tráfico.
*Marciglei Morais*

## *DA CHINA, COM INVEJA*

Não é nenhum exagero afirmar que, se o presidente João Goulart fosse exitoso em promover as reformas de base, o Brasil teria se transformado em algo muito próximo à China. Temos recursos naturais em abundância, uma população bem menor e estamos mais perto do chamado Ocidente, o que propicia melhores relações comerciais.
*Jefferson Lima*

**CARTAS PARA ESTA SEÇÃO**

E-mail: cartas@cartacapital.com.br, ou para a Rua da Consolação, 881, 10º andar, 01301-000, São Paulo, SP.
•Por motivo de espaço, as cartas são selecionadas e podem sofrer cortes. Outras comunicações para a redação devem ser remetidas pelo e-mail **redacao@cartacapital.com.br**

ines249

# A Semana

## Em bom português

O presidente Lula sancionou a lei que proíbe o uso da linguagem neutra por órgãos e entidades das três esferas administrativas do País (União, estados e municípios). Publicado no *Diário Oficial*, o projeto cria a Política Nacional de Linguagem Simples e prevê, entre outras medidas, a opção por frases curtas, palavras comuns, sem estrangeirismos e recursos didáticos, como gráficos, listas e tabelas, sempre que possível. O objetivo é permitir a qualquer cidadão encontrar as informações desejadas.

## Finanças/ O fim do Master

O banco é liquidado e Daniel Vorcaro, o dono, é preso

Na noite da segunda-feira 17, mesmo dia do anúncio da venda do Banco Master para a Fictor, em parceria com investidores árabes, Daniel Vorcaro foi preso pela Polícia Federal no Aeroporto de Guarulhos. Segundo a defesa, o banqueiro não pretendia fugir do País, mas seguia para os Emirados Árabes, onde concluiria a transação. A PF também prendeu Augusto Ferreira Lima, CEO do Master, e outros três diretores. Na manhã seguinte, o Banco Central anunciou a liquidação da casa bancária e o bloqueio de bens dos controladores. A operação policial, apelidada de Compliance Zero, mira a negociação de títulos de créditos falsos que teria movimentado 12 bilhões de reais. Em setembro, o BC havia barrado a compra do Master pelo Banco de Brasília, por falta de "viabilidade econômico-financeira". Um dos alvos da ação da PF, o presidente do BRB, Paulo Henrique Costa, foi exonerado do cargo e substituído por Celso Elói Cavalhero, funcionário de carreira da Caixa Econômica Federal. Um dos clientes afetados é o Rioprevidência, fundo responsável pelo pagamento das aposentadorias e pensões de 235 mil servidores inativos do estado. O governador Cláudio Castro ignorou as recomendações do Tribunal de Contas e transferiu 2,6 bilhões de reais da fundação para o banco entre 2024 e 2025, em busca de taxas "mais atrativas". Em outubro, o TCE impediu novas transferências para o Master. "Chega de decisões sem transparência, chega de colocar em risco a aposentadoria daqueles que colaboraram com a construção deste estado", declarou a conselheira Mariana Montebello Willeman.

Vorcaro foi detido no Aeroporto de Guarulhos

ines249

Jara encara Kast e o resto da direita chilena, que promete união

MARVIN RECINOS/AFP , RODRIGO ARANGUA/AFP E REDES SOCIAIS

# Chile/ A comunista e o ultraliberal

Jeannete Jara enfrenta José Antonio Kast no segundo turno

Embora tenha obtido mais votos no primeiro turno, a comunista Jeannete Jara, candidata governista, enfrentará um páreo duro na segunda volta das eleições presidenciais chilenas, marcada para 14 de dezembro. A distância para o segundo colocado, o ultraliberal José Antonio Kast, foi menor do que indicavam as pesquisas: 26,85% a 23,92%. Segundo os levantamentos divulgados ao longo da semana, após a abertura das urnas no domingo 16, Kast aparece com 10 pontos porcentuais de vantagem no confronto direto, beneficiado pelo apoio do trio de extremistas de direita, em diferentes graus de radicalidade, que amealharam significativos porcentuais de voto. Franco Parisi obteve 19,7%, Johannes Kaiser, 13,94%, e Evelyn Matthei, 12,46%. O bom desempenho como ministra do Trabalho é um trunfo de Jara, mas a obrigação de representar o impopular governo do jovem Gabriel Boric é um obstáculo. Não há reeleição no Chile, o que em geral resulta em uma constante alternância de poder entre a esquerda e a direita. Atenção: o mandato único não é garantia de estabilidade, ao contrário, como sabe muito bem a população que saiu às ruas em 2019. O país não consegue livrar-se da armadilha da experiência neoliberal da ditadura de Augusto Pinochet. Kast, derrotado em outras disputas presidenciais, promete não só retomar esse modelo, como aprofundá-lo. Inspirado em Donald Trump e na extrema-direita europeia, o candidato de oposição elegeu os imigrantes, venezuelanos em particular, como inimigos públicos. Kast promete expulsar todos os ilegais e implementar o plano "Escudo da Fronteira", com um muro de 5 metros, trincheiras de 3 metros de profundidade e cercas elétricas no norte do país.

## A patriotada de Merz

O primeiro-ministro da Alemanha, Friderich Merz, tentou retratar-se, mas o açaí já havia sido derramado. Na terça-feira 17, instado pela BBC News Brasil, o porta-voz da chancelaria lamentou que Merz, "devido à falta de tempo, não tenha podido viajar até a orla da Amazônia e vivenciar em primeira mão a beleza natural deslumbrante da região". No dia anterior, o *premier* tinha externado a mais pura patriotada provinciana em uma entrevista coletiva. "Senhoras e senhores, nós vivemos em um dos países mais bonitos do mundo. Perguntei a alguns jornalistas que estiveram comigo no Brasil na semana passada: 'Quem de vocês gostaria de ficar aqui?' Ninguém levantou a mão. Todos ficaram contentes por termos retornado à Alemanha, na noite de sexta para sábado, especialmente daquele lugar onde estávamos", afirmou o chanceler, cujo número de gafes supera os feitos administrativos.

ines249



FRED MELO PAIVA

# Derrite, Cunha e Lira

**▶ Um foi expulso da Rota por matar demais. O outro, condenado a 15 anos. O terceiro, o homem do orçamento secreto. Eis a Liga da Justiça Antifacção**

Olá, estas são as NOTÍCIAS DO HOSPÍCIO! O semanário de bordo da nossa viagem na maionese. Os flatos que foram notícia no Brasil e no mundo.

Depois de seis mandatos no Rio de Janeiro, o vereador federal Carlos Bolsonaro (PL) considerou a "missão cumprida". Ou comprida, se considerarmos os 25 anos que começaram alijando da disputa eleitoral a própria mãe e terminaram com a sanção do DIA DO CONSERVADOR, importante legado aos cariocas. Carluxo migra agora para Santa Catarina, onde disputará o Senado em 2026. "Eu já QUASE pousei lá algumas vezes", arremeteu, "QUASE morei no Campeche".

Ao atropelar lideranças da extrema-direita local e impor sua candidatura porque papai quis, Carluxo tornou-se o FORASTEIRO DIVISOR. De modo a aparar as arestas, deve adotar ao mesmo tempo a guirlanda de Caroline De Toni (PL–SC) e a careca de lustra-móveis do Esperidião Amin (PP–SC). A ver como fica esse novo visual.

O raro leitor perdoe a fixação deste órgão de imprensa pelos acontecimentos em SC. Mas veja esta: POLÍCIA ACHA NOTAS EM VARAL DURANTE AÇÃO CONTRA LAVAGEM DE DINHEIRO. Em São Lourenço do Oeste, 400 mil reais ainda molhados foram encontrados secando em um varal de chão. Se lavou, natural que se ponha para secar, conforme apuração da nossa sucursal em Balneário Camboriú.

**E vamos a mais um** capítulo da série DIÁRIO DE UM BANANA! Isolado e sem acesso ao Gardenal, BANANINHA CHAMA EX-ALIADOS DE "PROSTITUTAS". Dessa vez, o homenageado foi o governador Romeu Zema (Novo), que acusara Banana de colocar "o interesse pessoal acima do País". Ao descascar Romeu, no entanto, preferiu atacar Julieta e as empreendedoras individuais. Só Freud na causa.

E ATENÇÃO! FACÇÃO BOLSONARO PODE LANÇAR CANDIDATO PRÓPRIO. Nos últimos dias, o senador Flávio Bolsonaro (PL–RJ), integrante da facção Famiglia Bolsonaro, tem avançado em seus movimentos para se lançar à disputa pela Presidência em 2026. A rachadinha da extrema-direita preocupa bolsominions e aliados do governador Tarcísio de Freitas (PR–SP), mas deveria acender também o alerta entre as pessoas normais. Nas últimas eleições, São Paulo assistiu ao racha entre Nunes e Marçal. No segundo turno, no entanto, eleitores de ambos se uniram para derrotar Boulos.

Editoria de Polícia! PARA SALVAR O BRASIL DO CRIME ORGANIZADO, DERRITE JANTA COM EDUARDO CUNHA E ARTHUR LIRA. Um foi expulso da Rota por matar demais. O outro, condenado a 15 anos de prisão por corrupção passiva, lavagem de dinheiro e evasão de divisas. O terceiro é o homem do orçamento secreto. São especialistas no tema, ora pois.

EDITORIA DE CULTURA. Os holofotes não apontavam para ele, mas, na semana passada, aconteceu a estreia de Orestes Bolsonaro, sobrinho de Jair, no palco em que a família tem feito grande sucesso: o tribunal! Acusado de tentativa de feminicídio contra a ex-mulher e de tentativa de homicídio contra o então namorado dela, o Tribunal do Júri de São Paulo acabou por condená-lo somente por lesão corporal, com pena fixada em três meses no regime aberto. Hum... uma estreia mediana para os padrões da Famiglia, o bonequinho nem vai levantar da cadeira, é nota 6.

THAT'S ALL, FOLKS! Voltamos a qualquer momento com novas informações. NOTÍCIAS DO HOSPÍCIO nunca desliga. •

ILUSTRAÇÃO: PILAR VELLOSO, HEULER ANDREY/AFP, RICARDO STUCKERT/PR, TON MOLINA/AFP E MIDJOURNEY-V7

*Jornalista, indicado ao Emmy Internacional com a série* O Infiltrado. *Autor dos livros* O Atleticano Vai ao Paraíso *e* Bandido Raça Pura.

ines249

REDE D'OR apresenta

# REDE D'OR GARANTE 100% DE ENERGIA LIMPA EM TODOS OS SEUS 79 HOSPITAIS

*Companhia consolida liderança sustentável com maior contrato de autoprodução solar do Brasil e redução de 90,2% no uso de óxido nitroso*

Em apenas dois anos, a Rede D'Or consolidou o maior contrato de autoprodução de energia solar do setor, garantindo 100% de fornecimento solar para todos os seus hospitais, e revolucionou as salas cirúrgicas ao reduzir em 90,2% o uso de óxido nitroso. São conquistas que reforçam a posição da maior empresa de saúde da América Latina como referência global em sustentabilidade hospitalar.

## Energia limpa para todos os hospitais

Com o maior contrato de autoprodução de energia solar do Brasil, a Rede D'Or assegurou, por 17 anos, o fornecimento de 57 MW médios de energia solar, suprindo toda a sua demanda elétrica em 79 unidades hospitalares. A geração ocorre no Complexo Solar Fotovoltaico de Lagoinha, no Ceará, e rende 337 mil painéis solares em uma área de 304 hectares. O investimento, de R$ 650 milhões, também resultou na geração de mil empregos. "Gerar energia limpa é uma decisão estratégica que une eficiência energética, resiliência operacional e responsabilidade socioambiental", afirma Otávio Lazcano, vice-presidente executivo da Rede D'Or.

## Eficiência e tecnologia para reduzir impacto

Programas de eficiência em climatização hospitalar resultaram em 177 milhões de kWh economizados em dois anos, energia equivalente ao consumo mensal de mais de 92 mil casas. Essa redução limita a emissão de 1.402 toneladas de CO2 e gerando economia anual de R$ 54 milhões.

## MENOS ÓXIDO NITROSO, MAIS COMPROMISSO COM O CLIMA

Além da energia, a Rede D'Or avançou em outra frente crucial: a redução do óxido nitroso ($N_2O$) nas cirurgias. O gás, usado há décadas como anestésico, tem efeito sobre o clima e permanece mais de cem anos na atmosfera. A decisão de reduzir seu uso partiu dos próprios médicos da Rede, que enxergaram a urgência de agir em sintonia com os alertas globais da COP29 sobre o impacto do $N_2O$.

Em 2024, um projeto piloto em dois hospitais de São Paulo (São Luiz Anália Franco e São Luiz Itaim) rapidamente se expandiu para todas as 79 unidades, resultando em queda de 90,2% no consumo. O impacto é comparável a evitar 38,7 milhões de quilômetros rodados por carros a combustão. O projeto ganhou reconhecimento internacional com publicação no "Canadian Journal of Anesthesia" e marcou uma transformação cultural nas equipes clínicas.

O grande aliado desse projeto foi a mensuração robusta, desde 2016, de dados de emissões de gases de efeito estufa junto às unidades hospitalares da Rede D'Or pelo setor corporativo de Sustentabilidade e Meio Ambiente. "Esses dados serviram de parâmetro para mapear as principais fontes de emissão de GEE e estabelecer planos de ação, como o caso do óxido nitroso, o qual foi identificado como principal fonte de Escopo 1 (emissões diretas) da companhia", explica Ingrid Cicca, gerente de Sustentabilidade e Meio Ambiente da Rede D'Or.

## COMO FUNCIONA UMA USINA DE ENERGIA SOLAR E O IMPACTO DA AUTOSSUFICIÊNCIA NA REDE D'OR

**1 Captação de energia solar:** painéis fotovoltaicos captam a luz do sol e geram corrente contínua de forma limpa, e desse processo existe um saldo que é usado nas unidades.

**2 Captação de energia solar:** os inversores transformam a energia captada em eletricidade utilizável.

**3 Transmissão e distribuição:** a eletricidade é enviada por linhas de transmissão, ajustada em subestações e distribuída.

**4 Consumo nos hospitais da Rede D'Or:** a energia limpa abastece 100% das unidades hospitalares, garantindo autonomia e estabilidade.

**5 Resultados ambientais:** **57MW** médios de autoprodução por 17 anos, 17,7 milhões kWh economizados, 1.042t de $CO_2$ evitadas.

ines249



# Em pé de guerra

## EM UMA OFENSIVA MILITAR INÉDITA NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE, OS EUA ABANDONAM AS "SUTILEZAS" DA INTERVENÇÃO REGIONAL

*por* JOÃO PAULO CHARLEAUX

Os Estados Unidos estão em guerra na América Latina e no Caribe. Nos últimos meses, os norte-americanos mataram mais de 80 indivíduos a bordo de 23 embarcações no Atlântico Sul. Os ataques fazem parte de uma vasta operação que envolve o maior porta-aviões do mundo, além de dezenas de outros navios de combate e submarinos de propulsão nuclear, apoiados por um contingente de mais de 15 mil militares.

A maior e mais hostil ação de Washington contra a América Latina e o Caribe não é uma figura de linguagem. Ela foi classificada formalmente como uma guerra pelo Escritório de Aconselhamento Legal do Ministério da Justiça dos EUA. De acordo com o jornal *The New York Times*, um memorando de 40 páginas entregue à Casa Branca nas últimas semanas senta as bases formais para que a maior máquina militar do mundo possa operar em combate na região do Atlântico Sul, com as mesmas prerrogativas e imunidades outorgadas a seus comandantes militares e líderes políticos em conflitos anteriores, como no Iraque, na Síria ou no Afeganistão, quando o inimigo declarado era o terrorismo praticado por grupos extremistas islâmicos, não o narcotráfico, o grande espantalho do momento.

Com o respaldo desse memorando, o secretário de Defesa norte-americano, Pete Hegseth, anunciou em 13 de novembro a criação de uma força-tarefa batizada de Southern Spear (Lança do Sul), sob responsabilidade do Southcom, o Comando Militar Sul, que passou a incorporar o porta-aviões Gerald R. Ford em suas operações na América Latina e Caribe, juntamente com dezenas de navios anfíbios, usados para o desembarque de tropas de fuzileiros navais, e aeronaves de apoio. Um aparato típico de grandes operações ofensivas, não de mero patrulhamento de águas internacionais.

**"O HEMISFÉRIO OCIDENTAL É A VIZINHANÇA DA AMÉRICA, E NÓS VAMOS PROTEGÊ-LA", ANUNCIOU PETE HEGSETH, SECRETÁRIO DE DEFESA**

"O hemisfério ocidental é a vizinhança da América, e nós vamos protegê-la", anunciou Hegseth, ecoando o discurso do presidente Donald Trump, e do secretário de Estado, Marco Rubio. O trio de ferro da política externa dos EUA considera a região da América Latina e o Caribe como sua "vizinhança" ou quintal, uma enorme área de influência em relação à qual, em 1823, o país adotou a Doutrina Monroe. Por meio dela, os norte-americanos tomaram para si a prerrogativa de reinar soberanos em toda a zona, sem que qualquer soberano europeu pudesse voltar a reivindicar autoridade sobre suas ex-colônias.

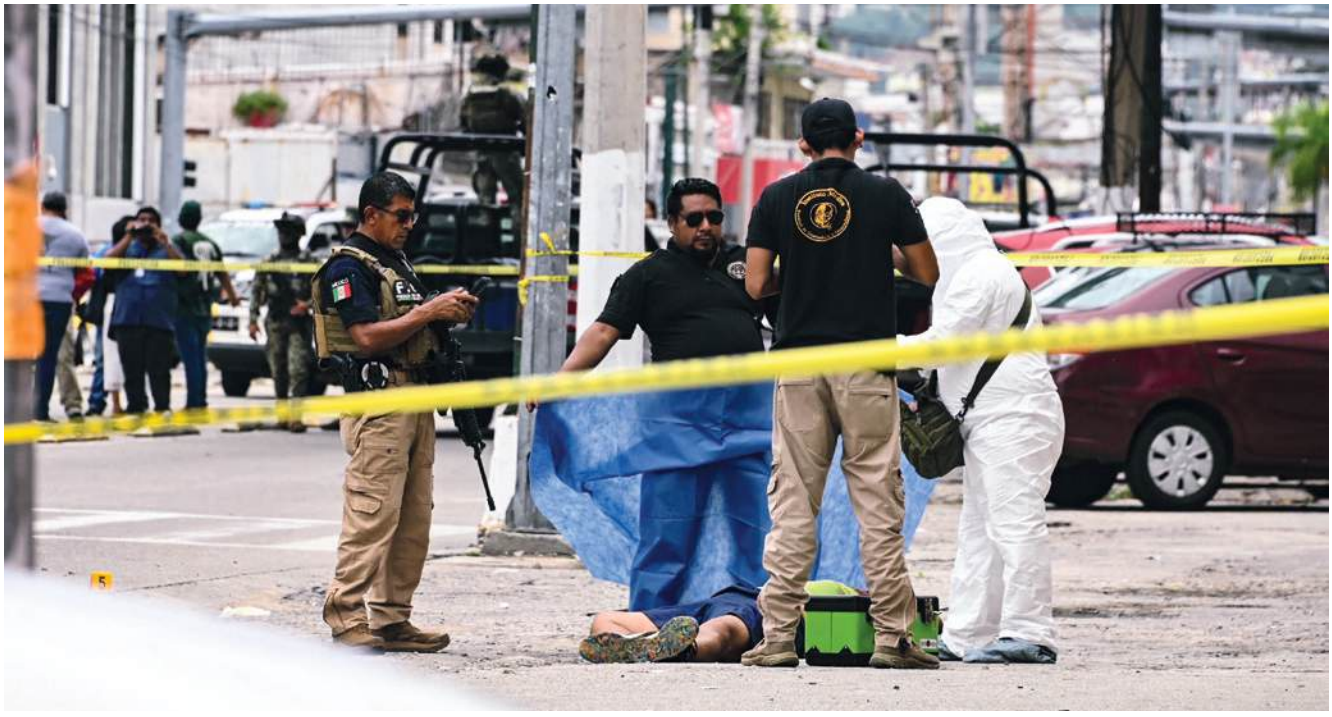
ines249

O porta-aviões Gerald R. Ford agora navega perto da costa venezuelana. Barcos de supostos traficantes continuam a ser bombardeados e Trump mantém a ameaça de atacar a Venezuela. Maduro, isolado, pede diálogo, enquanto prepara o exército do país para o pior

USS GERALD R. FORD/MARINHA DOS EUA, REDES SOCIAIS/PENTÁGONO/EUA, FEDERICO PARRA/AFP E MANDEL NGAN/AFP

ines249





Em janeiro, *The New York Post* teve a sacada de batizar a nova política intervencionista de Trump para a região de "Doutrina Donroe", de Donald, em vez de Monroe, de James Monroe, nome do presidente responsável pelo preceito original. Se o lema do atual governo é Make America Great Again (Faça a América Grande de Novo), a volta às práticas do século XIX parece fazer sentido para o sonho de grandeza reeditado à custa de uma vizinhança novamente percebida como coadjuvante, ameaçadora e subalterna.

No memorando do Ministério da Justiça, a guerra é contra os cartéis de narcotráfico, não contra os países da região. Os EUA dizem combater facções como o Tren de Aragua, La Nueva Familia Michoacana, Sinaloa e Salvatrucha, entre outras. Nos anos 1990 e 2000, os norte-americanos também mantinham uma guerra às drogas. Ela era dirigida contra grupos colombianos como as Farc e o Exército de Libertação Nacional. Naquele tempo, a estratégia consistia em dar dinheiro, armas, informações de inteligência e munição para presidentes da região como o colombiano Álvaro Uribe atacarem esses grupos. Agora, ao contrário, os EUA acusam o mandatário colombiano, Gustavo Petro, de apoiar esses cartéis, e o presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, de ser um dos "narcoterroristas". Não só. Em declaração recente, Trump insinuou a possibilidade de invadir o México para combater diretamente os traficantes. Com a cooperação substituída por ameaças de deposição, o alvo passou a ser mais político e abrangente, levantando o temor de que os EUA queiram aplicar na América Latina as mesmas estratégias de mudança de regime que deixaram países como Líbia, Síria e Afeganistão imersos no caos.

**Trump voltou a cogitar uma invasão do México para combater os traficantes. A pressão sobre o vizinho e parceiro no Nafta continua**

Se o memorando dá imunidades legais aos envolvidos nessas ações, outros documentos, entre eles o decreto presidencial de 20 de janeiro, tornam mais nítidos os alvos, ao enumerar e nomear cada um dos cartéis e facções convertidos em inimigos nessa guerra. A ofensiva legal vem acompanhada de uma artilharia política pesada, com Trump lançando ameaças diretas a Maduro. Com isso, paira sobre toda a região um temor difuso de intervenção militar que ninguém é capaz de dizer até onde pode ir sem correr o risco de parecer alarmista ou paranoico, apesar de todos os sinais bélicos colocados sobre a mesa, de maneira explícita, por seus maiores protagonistas. "Os EUA, historicamente, consideram a região como sua área de influência e isso foi reforçado com o retorno de Trump à Casa Branca", afirma a cientista política Renata Peixoto, professora do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Para ela, "o comportamento do presidente norte-americano é imprevisível" e, portanto, "não seria paranoia temer e se preocupar com uma possível ação militar" na região. Entretanto, pondera, é preciso considerar que "tal ação teria várias consequências desastrosas para os EUA e para os países vizinhos", pois "incursões militares apresentam custos elevados" para todos os envolvidos.

Peixoto considera que "o discurso da guerra contra o terrorismo e contra as drogas pode funcionar, angariando mais apoio interno para Trump agir de fato". Mas os elementos determinantes seriam, além do aval do eleitor norte-ame-

ines249

ricano, a reação dos líderes sul-americanos e as respostas da própria Venezuela "diante do risco de uma invasão".

A reação coordenada dos líderes do subcontinente parece ser ainda uma possibilidade remota. A desunião na região é tão grande que, pela primeira vez em 31 anos de história, a Cúpula das Américas não vai ocorrer. O encontro dos presidentes dos países do continente estava marcado para acontecer entre 1º e 5 de dezembro, em Punta Cana, na República Dominicana, mas foi cancelado porque a região enfrenta "divisões profundas", segundo comunicado expedido pelos anfitriões. Essa era uma das chances de contornar diplomaticamente as tensões políticas, trocando o léxico militar pela diplomacia, numa configuração mais favorável às nações latino-americanas do que aos EUA. Sem a coesão daqueles que se sentem ameaçados, Trump avança, enquanto explora essas divisões. Além de ameaçar abertamente a Venezuela com uma ação militar e de associar Petro com o tráfico internacional de drogas, ele também castigou o Brasil com as maiores taxas de importação do mundo, sob o argumento de defender o ex-presidente Jair Bolsonaro, condenado a mais de 27 anos de prisão por envolvimento num golpe de Estado frustrado, de uma suposta perseguição política.

**O COMBATE AO "NARCOTERRORISMO" É A DESCULPA PARA O INTERVENCIONISMO DA CASA BRANCA**

Ao mesmo tempo que hostiliza líderes de esquerda, o republicano aglutina em torno de si os presidentes de direita e extrema-direita da região. Trump liberou um empréstimo de 20 bilhões de dólares à Argentina de Javier Milei às vésperas das eleições locais, que acabaram vencidas pelo La Libertad Avanza. Além disso, recebeu em Washington o presidente salvadorenho Nayib Bukele, símbolo regional da política do "prende e arrebenta", a quem agradeceu por ter aceitado mandar ao cárcere um grupo de venezuelanos deportados dos EUA. "O governo Trump usa um cardápio de instrumentos de relações internacionais que outros não usariam, com o objetivo principal de intimidar qualquer governo que não se alinhe aos interesses de Washington", avalia Carlos Frederico Coelho, professor de Relações Internacionais na PUC do Rio de Janeiro e da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Presidentes como Maduro e Petro, prossegue, são usados para catalisar o projeto norte-americano, num contexto em que "qualquer coisa é usada como justificativa para uma ação unilateral".

Assim como Peixoto, Coelho não considera que a preocupação com uma ação militar norte-americana na região seja, a esta altura, paranoia. Ele alerta, entretanto, para a diferença entre "ações militares" e "incursões das forças terrestres em território venezuelano". Para Coelho, "as ações militares já acontecem de fato, como mostram as interceptações de barcos". Uma "incursão terrestre" tem, por sua vez, "probabilidade baixa" de ocorrer, e o mais provável é a utilização de "instrumentos híbridos para provocar a desestabilização" de Maduro. Com isso, a região "vai se convertendo numa zona de pressão permanente, como mostram as tarifas injustificadas impostas ao Brasil e o uso de força militar contra o narcotráfico". O acadêmico acrescenta: "A justificativa de que a Venezuela representa uma ameaça aos EUA não para de pé, mas é o que a Casa Branca usa para explicar uma presença militar maior e criar um ambiente de desestabilização, reposicionando sua influência na região".

O reposicionamento teve início ainda em janeiro, quando Trump rebatizou unilateralmente o Golfo do México de Golfo da América, ao mesmo tempo que ameaçava tomar para si o Canal do Panamá e anexar o Canadá como apenas mais um estado norte-americano. A forma de lançar essas ameaças é tão despudoradamente hostil e tão rude que muita gente se pergunta se tudo não passa de burla. Pouco a pouco, a mobilização da máquina militar afasta, porém, as dúvidas e coloca no lugar teorias acerca de quando e onde essa ação hostil teria início, e quais as consequências para uma zona tradicionalmente de paz. •

RICARDO STUCKERT/PR, RAUL ARBOLEDA/AFP E FRANCISCO ROBLES/AFP

**Enquanto a Casa Branca ataca o colombiano Petro, Lula reafirma a soberania do subcontinente**

ines249



# Presas fáceis

## DIVIDIDOS, OS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA NÃO CONSEGUEM OFERECER RESISTÊNCIA À PRESSÃO DE WASHINGTON

Nas últimas semanas, a escalada retórica e militar da Casa Branca contra Caracas incluiu a chegada do maior porta-aviões do mundo no Mar do Caribe, a preparação de mais de 10 mil soldados, a volta dos treinamentos de *mariners* na selva do Panamá, o bombardeio de barcos que já deixaram mais de 80 mortos e a declaração de que Nicolás Maduro seria o chefe de um cartel agora designado como "grupo terrorista". Com essa pressão inédita na região nos últimos 30 anos, Trump sinalizou a disposição de "conversar", mas certamente seria um diálogo marcado por uma chantagem e ameaças sem precedentes.

O desafio não vem apenas, porém, do *bullying* norte-americano. O governo brasileiro estima que a ofensiva de Trump sobre a Venezuela ocorre num momento de profunda fragilidade da América Latina e num contexto no qual nem potências europeias ou de outras partes do mundo terão incentivos ou possibilidades para agir. O próprio presidente Lula alertou para o colapso dos processos de integração e a incapacidade de a região responder de forma coordenada às ameaças. "A América Latina e o Caribe vivem uma profunda crise em seu projeto de integração", afirmou na cúpula da Celac, no começo do mês. "Voltamos a ser uma região balcanizada e dividida, mais voltada para fora do que para si própria."

Segundo Lula, "a intolerância ganha força e vem impedindo que diferentes pontos de vista possam se sentar à mesma mesa". Mais: "Projetos pessoais de apego ao poder solapam a democracia. Estamos deixando de cultivar nossa vocação de cooperação e permitindo que conflitos e disputas ideológicas se imponham. Como resultado, vivemos de reunião em reunião, repletas de ideias e iniciativas que muitas vezes não saem do papel. Nossas cúpulas se tornaram rituais vazios, dos quais se ausentam os principais líderes regionais".

**A CASA BRANCA CONTA COM ALIADOS NA REGIÃO, ENTRE ELES JAVIER MILEI E DANIEL NOBOA**

De fato, essa tem sido a realidade. Na reunião da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos, o racha na região impede que uma declaração sequer seja adotada contra as ameaças dos Estados Unidos na Venezuela. Na Organização dos Estados Americanos, a presença dos EUA e seus aliados tampouco permite um entendimento sobre a necessidade de garantir o princípio da não intervenção.

Em março, durante a posse presidencial de Yamandú Orsi, no Uruguai, Lula anunciou o interesse em reativar a Unasul. Os presidentes da Colômbia, Gustavo Petro, e do Chile, Gabriel Boric, juntamente com o novo líder uruguaio,

ines249

JUAN DIEGO CANO/PRESIDÊNCIA DA COLÔMBIA

apoiaram a iniciativa. Mas o projeto não decolou. Meses antes, em setembro de 2024, o presidente equatoriano, Daniel Noboa, ocupou o prédio que era a sede da Unasul e não fez questão de esconder seu desprezo pelo projeto. "Este lugar foi, até hoje, a personificação viva da incapacidade de impor uma ideologia e de negar a liberdade a cada indivíduo para decidir seus próprios objetivos, sonhos e ideais coletivos."

No Mercosul, as diferenças políticas profundas entre o Brasil e a Argentina impedem uma resposta do único bloco que ainda sobrevive na região. O recente acordo entre Javier Milei e Trump ainda ameaça a espinha dorsal do projeto, iniciado nos anos 80 do século passado. Outra constatação interna no bloco é que o acordo abriria um precedente para que o Paraguai também busque uma flexibilidade nas regras e que forças empresariais no Uruguai pressionem na mesma direção.

**A cúpula dos países latinos e caribenhos tem dificuldade para entrar em consenso. "Voltamos a ser uma região balcanizada", lamenta Lula**

O cálculo dos EUA ainda considera que, neste momento, não haveria nenhuma potência capaz de frear seus planos para a Venezuela, seja para forçar uma mudança de regime ou simplesmente obter amplo acesso ao petróleo do país. Nas capitais da Europa, Caracas não é uma prioridade. A União Europeia foca sua atenção na contínua ameaça de Moscou e no futuro da Ucrânia. Além disso, não estão dispostos a abrir mais uma frente de desentendimento com o governo norte-americano, sob o risco de ver a Casa Branca retaliar e criar algum tipo de dificuldade na defesa de Kiev.

Integrantes da equipe de Vladimir Putin têm feito declarações de apoio aos venezuelanos, tanto em Moscou quanto no Conselho de Segurança da ONU. Ainda que seu sistema de defesa aéreo seja usado por Maduro, o Kremlin não está em condições de desviar parte do arsenal ou de recursos para defender um aliado na América do Sul. A China, por sua vez, tem ampliado a relação comercial com os venezuelanos desde o momento em que Trump passou a pressionar Caracas. Mas não tem emitido qualquer sinal de que estaria disposta a defender de forma militar o governo de Maduro. O tom usado por Pequim recentemente mostra a aposta em um diálogo entre Washington e Moscou. A porta-voz do Ministério das Relações Exteriores chinês, Mao Ning, declarou que o governo "se opõe a qualquer ação que viole a carta e os princípios das Nações Unidas e que infrinja a soberania e a segurança de outros países". Pequim ainda pediu para os Estados Unidos "intensificarem seus esforços para promover a paz e a estabilidade na América Latina e no Caribe".

O cenário regional e global, portanto, oferece aos estrategistas norte-americanos uma oportunidade única na Venezuela. Não só. O que ninguém consegue prever, porém, é o tamanho das consequências de uma ação bélica dos EUA no destino político da América Latina. •

- por Jamil Chade

ines249



# Como nasce uma revolta

## CLAUDIA SHEINBAUM, DO MÉXICO, É O MAIS RECENTE ALVO DA GUERRA HÍBRIDA DA EXTREMA-DIREITA

*por* GILBERTO MARINGONI*

O roteiro é conhecido. Milhares de manifestantes, convocados majoritariamente em redes sociais, saem às ruas em fúria, exigindo a derrubada de governos eleitos. Aparentemente sem lideranças definidas, a massa concentra-se em locais públicos, brandindo difusas pautas contra a corrupção, a insegurança, os partidos tradicionais e a própria democracia. Logo aparecem grupos de provocadores, munidos de marretas, barras de ferro e serras elétricas, que partem para a depredação de edifícios públicos.

Foi o que se viu, no sábado 15, no Zócalo, principal praça da Cidade do México, em frente ao Palácio Nacional, sede do governo. Planejados como eventos simultâneos em várias localidades, os protestos fracassaram na maior parte delas. Calcula-se, no entanto, que 17 mil mexicanos tenham marchado na capital, estabelecendo um confronto que resultou em cerca de uma centena de policiais e 20 manifestantes feridos. A promessa é de que a ação se repita nas próximas semanas.

A mídia tradicional logo definiu o movimento como uma rebelião da geração Z, aquela nascida entre 1995 e 2010. A classificação busca estabelecer conexões com mobilizações semelhantes no Nepal, Bangladesh, Sri Lanka, Marrocos e Peru. Pesquisas de opinião mostram a fragilidade do rótulo, ao constatar que 71% dos jovens entre 18 e 25 anos aprovam o governo de Claudia Sheinbaum.

Uma investigação da Infodemia, órgão público voltado à análise da internet, revela que a marcha foi "impulsionada artificialmente" por "uma rede digital de contas (...) promovida por políticos, comentaristas e até mesmo ex-presidentes do México". O ponto de partida, de acordo com a instituição, deu-se em 3 de outubro, por meio de reportagem da TV Azteca que ligava o descontentamento dos jovens mexicanos a um suposto "movimento global". A partir daí, 179 contas de TikTok e 359 comunidades do Facebook começaram a difundir a organização de uma passeata contra o governo, com farto uso de imagens geradas por Inteligência Artificial. A elas se juntou a Atlas Network, rede de comunicação internacional acusada de realizar campanhas de denúncias contra administrações progressistas, como aquelas de Lula, no Brasil, Cristina Kirchner, na Argentina, Evo Morales, na Bolívia, e Pedro Castillo, no Peru. Cerca de 5 milhões de dólares foram gastos na empreitada, relata a Infodemia.

**O MOVIMENTO "ESPONTÂNEO" FOI INSUFLADO POR 5 MILHÕES DE DÓLARES GASTOS NA CONVOCATÓRIA**

A figura mais notável a incentivar os protestos atende pelo nome de Ricardo Salinas Pliego, com forte influência entre o grande empresariado. Dono da já citada TV Azteca, do Banco Azteca, da Seguradora Azteca e do Grupo Elektra, rede varejista presente no México, Guatemala, Honduras e Panamá, entre outros empreendimentos, Pliego detém a quinta maior fortuna do país. Ex-aliado de Andrés Manuel López Obrador, correligionário e antecessor da atual presidenta, afastou-se do governo e passou a atacar Sheinbaum, movido por uma causa pouco nobre: evitar por todos os meios pagar 4 bilhões de dólares em impostos sonegados por anos a

ines249

ALFREDO ESTRELLA/AFP E YURI CORTEZ/AFP

fio. Sua ira explodiu quando a presidente rejeitou publicamente perdoar a dívida, no início do ano. Desde então, o empresário não mede palavras para acusar uma trama "do regime narcotraficante", criminoso, corrupto e comunista do Morena, partido do governo.

Os ânimos se radicalizaram em 1º de novembro, quando foi assassinado Carlos Manzo, prefeito de Uruapan, cidade de 240 mil habitantes no estado de Michoacán, um dos mais violentos da federação. Manzo defendia uma linha-dura contra o crime organizado e ganhara o apelido de "Bukele mexicano", em referência ao presidente de El Salvador, que estabeleceu uma espécie de estado de sítio permanente em seu país. Desde o início do ano, outros seis prefeitos foram mortos de forma violenta.

Sheinbaum herdou uma realidade calamitosa que remonta a mais de meio século de desmonte social e concentração de renda. Acusada de nada fazer para deter as facções do crime organizado, que dominam vastas partes do território e da institucionalidade, a presidente tem se colocado de maneira firme na defesa de direitos das maiorias empobrecidas. Se na década passada o mote central da direita era denunciar redes de corrupção incrustadas em governos progressistas, a pauta mudou, a partir de Washington, que coloca o "narcoterrorismo" como alvo principal na América Latina.

Apesar disso, a insuspeita *The Economist* constatou: "O México tornou-se um lugar menos perigoso sob a liderança de Claudia Sheinbaum". Uma reportagem de duas páginas aponta que em 14 meses de governo, a atual mandatária reduziu a taxa de mortes violentas em 14%. "Contar apenas os homicídios ignora uma parte importante do problema: os milhares de pessoas que desaparecem todos os anos, muitas assassinadas e enterradas em covas sem identificação", afirma a publicação. Dois terços dessas mortes estão associadas ao crime organizado.

Desafiada internamente pela extrema-direita, Sheinbaum é também atacada por Donald Trump, a quem critica duramente. "Não estou feliz com o México", declarou o magnata na segunda-feira 17. Citando sua provocação militar contra a Venezuela, o ocupante da Casa Branca afirmou que teria "orgulho" de atacar barcos de narcotráfico do país vizinho, de onde se origina a maior parte do fentanil em circulação nos EUA. Em 3 de novembro, a NBC News noticiara que o governo republicano traça planos para deslocar forças de segurança para o interior do México.

**Sheinbaum tem amplo apoio entre os jovens. Mas, segundo a mídia, a Geração Z liderou os protestos contra ela**

A presidente mexicana comanda uma administração progressista num continente marcado pelo avanço da extrema-direita, mantendo altos índices de aprovação. Os números oscilam entre 70% (El Financiero) e 78% (Enkoll). Sua gestão conta com mais de dois terços de apoio nas duas casas Legislativas. Em junho último, o México tornou-se a primeira nação do mundo a eleger juízes, dos tribunais locais à Suprema Corte, num total de quase 3 mil cargos. É possível que tais iniciativas dificultem o surgimento de lideranças nacionais neofascistas no país.

Segunda maior economia da América Latina e fortemente dependente dos Estados Unidos, seu principal parceiro comercial, o México, a exemplo da maioria dos países do continente, adota políticas monetária e fiscal restritivas. Oscila há quatro décadas na média de 2% de crescimento ao ano (em 2020, auge da pandemia, o PIB despencou 8,4%). A inflação deve fechar o ano em 3%, de acordo com projeções do FMI. Embora apresente baixíssima taxa de desemprego (2,4%), a informalidade alcança 53,7% da população. Os governos do Morena exaltam o feito de retirarem 8,3 milhões de compatriotas da linha de pobreza, entre 2022 e 2024.

No mundo das realidades paralelas nada disso importa. Como em *Assim É (Se lhe Parece)*, clássico da dramaturgia escrito por Luigi Pirandello, que transitou do fascismo ao antifascismo, a realidade objetiva seria uma impossibilidade lógica. A extrema-direita atual leva a máxima do escritor italiano ao paroxismo em sua ação política. •

**Professor de Relações Internacionais da UFABC.*

ines249

# Bandidos de estimação

**PL ANTIFACÇÃO** O relatório de Derrite, aprovado na Câmara, mira o criminoso pé de chinelo e alivia para a turma do colarinho branco

POR ANDRÉ BARROCAL

A CPI do Crime Organizado mal começou no Senado e é descrita como "morna" pela mídia. Não está agendado nenhum depoimento de chefes de facção, embora haja senadores doidos por um interrogatório do tipo, caso de Marcos do Val, que faz *cosplay* de agente da "Swat". A comissão centra-se em uma investigação mais teórica, digamos assim. Seu relator, Alessandro Vieira, delegado de polícia, não está interessado "em dar palanque para bandido", nem em alimentar demagogia barata. Também caberá a ele no Senado relatar o Marco Legal de Combate ao Crime

ines249

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 22
**Amazônia.** Barcarena, no Pará, sofre os efeitos das mudanças climáticas

**Missão cumprida.** Tarcísio de Freitas combinou com Hugo Motta e escalou Guilherme Derrite para transformar o projeto do governo em um monstrengo sem pé nem cabeça

REDES SOCIAIS/GOVSP E KAYO MAGALHÃES/AGÊNCIA CÂMARA

Organizado que os deputados acabam de aprovar. Um texto escrito e reescrito pelo secretário de Segurança de São Paulo, Guilherme Derrite, um auxiliar do governador-presidenciável Tarcísio de Freitas, que o Palácio do Planalto tentará mudar para que nem a Polícia Federal nem o combate a criminosos de colarinho branco sejam afetados.

O senador Flávio Bolsonaro, um dos filhos do capitão condenado e inelegível, tentou ocupar a posição de Vieira. O presidente da Casa, Davi Alcolumbre, não deixou e escalou o delegado. O "Zero Um" de Jair estava em El Salvador no momento da escolha do relator. Os deputados nem sequer haviam terminado de votar o "marco legal" preparado por Derrite. Flávio viajara com o irmão Eduardo, deputado autoexilado nos Estados Unidos, para visitar um paraíso da extrema-direita. Um lugar que lota cadeias, reescreve ou passa por cima de limites legais e dos direitos humanos, troca juízes. Em suma, que pratica o vale-tudo contra o crime. Os direitistas não fazem mistério sobre a bandeira que pretendem empunhar para pedir voto aos brasileiros no próximo ano.

Quem o direitismo quer meter em cana por até 40 anos graças ao relatório de Derrite é o chão de fábrica do crime. Quanto à alta roda da criminalidade, a conversa é outra. Esta só tem a ganhar com uma lei feita sob medida para advogados espertos. A intenção do governo ao propor uma Lei Antifacção era pesar um pouco a mão nas penas, mas, principalmente, dotar a PF e a Justiça de um arsenal jurídico capaz de atacar a elite do crime pelo bolso. Lula não se dobrou a Hugo Motta, o chefe da Câmara responsável por trazer Derrite à ribalta. Para Motta e o relator, o papel do Congresso era apresentar-se à nação como patrono de uma lei feroz nas punições, e só. Por ordem de Lula, os governistas mais fiéis, PT à frente, votaram contra o "marco legal" e insistiram no argumento de que os endinheirados do crime organizado iriam festejar.

**O governo agora vai tentar desfazer o Frankenstein no Senado**

Uma parte importante das ideias desenhadas no Ministério da Justiça contra a alta roda do crime foi eliminada ou desfigurada pela Câmara. Um deputado paulista jura que Freitas, o patrão do relator, recebeu recados de um fugitivo pertencente ao andar de cima. Roberto Augusto Leme da Silva, o "Beto Louco", foi um dos alvos da Operação Carbono Oculto, realizada em agosto pela PF, a maior batida da história brasileira contra o crime organizado. Leme da Silva era peça central de certa engrenagem do PCC. Esse esquema funcionava assim: a facção importava combustível com dinheiro de origem ilícita. Depois o vendia em uma rede própria de postos. O lucro ia para um banco digital, que o transferia para fundos geridos da Avenida Faria Lima. Bilhões de reais surgidos do crime ficavam protegidos pelo "mercado".

**Na operação,** a PF conseguiu o bloqueio judicial de 5 bilhões de reais. "Beto" estaria na pior, daí os recados ao governador paulista e os boatos de que aceita um acordo de delação. Bons motivos para o bolsonarista "moderado" liberar seu secretário de Segurança para passar duas semanas em Brasília a atrapalhar o governo com cinco relatórios diferentes, antes de o sexto ir a voto e ser aprovado. "Do jeito que está, enfraquece o combate ao crime e gera insegurança jurídica. Trocar o certo pelo duvidoso só favorece quem quer escapar da lei", escreveu Lula no ex-Twitter. No Ministério da Fazenda, Fernando Haddad comentou que o relatório "não asfixia financeiramente o crime organizado, mas a Polícia Federal". E perguntou: "Vai complicar o perdimento para abrir brechas pro bandido atuar?"

"Perdimento", palavra do universo jurídico que significa algo como confisco, é o cerne do embate do lulismo com Derrite. A Lei Antifacção elaborada pelo go-

ines249



verno criava um rito especial e célere de apreensão para facilitar a tomada judicial de patrimônio pertencente ao crime organizado ou oriundo de ilícitos. A legislação atual permite o confisco, mas com alcance menor e mais lento. O governo desejava incluir na mira tudo o que fosse "proveito ou instrumento" do crime, ou seja, empresas e bens que, embora de aparência legal, estivessem a serviço da lavagem e da ocultação de dinheiro. O ônus da prova era invertido: os acusados é que teriam de provar que seus negócios não tinham contato com coisa ilícita. O desfecho se daria na esfera penal, e sob a batuta do mesmo juiz do caso, ainda que o processo criminal terminasse sem a condenação dos réus. Nos Estados Unidos e na Itália existem ritos parecidos.

**O dinheiro do confisco** especial seria revertido a fundos destinados à Polícia Federal para reforçar o combate ao crime organizado. Uma operação de setembro contra fraudes no comércio de combustíveis no Rio de Janeiro, a Carbono Cego, é didática sobre as possibilidades de asfixia financeira contra o crime organizado. Houve apreensão de cinco navios com 200 milhões de litros de combustível, remetidos à guarda da Petrobras. Supondo-se que seja só de gasolina, a carga vale 1,2 bilhão de reais, ao preço médio nos postos do Rio. Nos termos da Lei Antifacção, seria mais fácil o Poder Público tomar definitivamente a carga. Os milhões de litros pertencem à Refit, a antiga refinaria de Manguinhos. O dono da empresa é Ricardo Magro, padrinho da nomeação de dois integrantes do primeiro escalão do governador Cláudio Castro, segundo o líder do PT na Câmara, Lindbergh Farias. Magro foi advogado no passado do deputado cassado Eduardo Cunha, o ex-presidente da Câmara pego certa vez em telefonemas a prometer socorro a Manguinhos.

A Refit é uma das maiores sonegadoras do Brasil, com cerca de 20 bilhões de reais em impostos atrasados. Logo após a operação da PF na Faria Lima em agosto, o Senado aprovou uma lei que busca apertar empresas que se valem da sonegação como estratégia de negócio. É a lei do devedor contumaz. Está parada na Câmara, por obra de Motta, embora o líder do governo na Casa, o petista José Guimarães, insista em uma votação urgente. Cunha foi o mentor de Motta, vira e mexe vai ao gabinete do afilhado. Ambos são do Republicanos, o partido de Freitas. Em meio às negociações de seu relatório sobre o "marco legal", Derrite jantou em um restaurante de Brasília com Cunha e Arthur Lira, o antecessor de Motta no comando da Câmara. Lira é outro aluno dileto da "escola Cunha".

PABLO PORCIÚNCULA/AFP, GERALDO MAGELA/AGÊNCIA SENADO E RECEITA FEDERAL/AFP

Aquilo que "Beto Louco" perdeu por ordem judicial na Operação Carbono Oculto também poderia passar mais rapidamente, em definitivo, ao Poder Público, caso fosse aprovada a proposta lulista sobre "perdimento". O relatório de Derrite traçou um caminho mais difícil para o confisco definitivo. Estabeleceu uma ação civil própria com os mesmos procedimentos vigentes (é notória a lentidão do Judiciário) e sem um passo a passo detalhado. De quebra, livrou a cara de um acusado que vier a alegar ter agido de boa-fé e sem saber que havia recebido dinheiro originado no crime. "O Derrite criou um caos jurídico, um paraíso para investigados. Quando a lei não é bem clara e deixa brechas, um bom advogado sabe explorar", afirma Marivaldo Pereira, secretário de Assuntos Legislativos do Ministério da Justiça.

Pelo relatório de Derrite, o dinheiro obtido com o confisco de bens do crime organizado seria rateado entre vários fundos. A consequência é uma divisão entre a PF, estados e municípios. Eis por que o governo reclama que o deputado enfraqueceu a Polícia Federal. Alessandro Vieira, o relator no Senado, avisou que não aceita tirar recursos da Polícia Federal. Derrite ignorou ainda a tentativa do governo de inserir na legislação a possibilidade de a polícia e o Ministério Público criarem, com autorização judicial, uma empresa fictícia infiltrada em esque-

**"O Derrite criou um caos jurídico", afirma Marivaldo Pereira, secretário do Ministério da Justiça**

ines249

**Aviso.** A PF não perderá recursos, garante Alessandro Vieira, escolhido para relatar o PL no Senado. Bolsonarismo e Centrão trocam inteligência por matança

mas criminosos, em busca de provas contra os envolvidos. Agiu da mesma maneira diante da ideia do Ministério da Justiça de permitir que um delator continue a cometer crimes enquanto abastece a polícia e o MP com informações, "espionagem" que as regras atuais não admitem.

**A filosofia de Derrite** e do direitismo em geral no "marco legal" é a do aumento de penas para integrantes de facção criminosa. "É a resposta mais dura que o Congresso dará ao crime organizado em sua história", celebrou Motta. Que não gostou do tuíte de Lula, o presidente de quem ele "afanou" metaforicamente a Lei Antifacção e entregou a Derrite para ser convertida em bandeira eleitoral da oposição. "Falsas narrativas", na visão do deputado.

O texto de Derrite, aprovado por 370 votos a 110, fixa pena de 20 a 40 anos de prisão para integrantes de facções e determina que 70% sejam cumpridos em regime fechado, sem direito a relaxamentos. Os líderes irão necessariamente para um presídio federal, de segurança máxima. Na lei atual, o crime organizado é punido com até 8 anos de detenção. O projeto lulista ampliava para 10 anos e estabelecia uma pena maior, de 15 anos, para faccionados. "Acabou a impunidade. Em São Paulo e no Brasil, o recado é claro: Lugar de Bandido é na cadeia", comemorou Freitas no ex-Twitter.

Cláudio Castro, o governador do Rio, foi a Brasília acompanhar a votação. Está convencido de que a matança policial no QG do Comando Vermelho mudou a pauta nacional. Castro é do PL de Bolsonaro. O PT vai realizar no estado, em 1º e 2 de dezembro, um seminário sobre segurança pública. O objetivo é produzir argumentos para Lula agora e preparar o programa de governo a ser apresentado na campanha do ano que vem. •

ines249



# Floresta maquiada

**COP30** Premiada pela ONU, Barcarena, no Pará, enfrenta dificuldades para conter os efeitos da mudança climática

POR MAURÍCIO THUSWOHL E LUCA MEOLA (FOTOS)

"A tristeza vai acabando com a gente aos poucos", diz Maria Rita da Conceição, perto do roçado no pequeno quintal. "De uns anos para cá piorou muito porque a gente planta, mas a macaxeira vem bem fraquinha, não pega tamanho. As bananeiras também estão com os cachos tudo mirradinho." A agricultora faz parte de umas das 3 mil famílias do Quilombo São Sebastião do Burajuba, no município paraense de Barcarena. A região, afirma, em quase nada lembra seus tempos de criança. "Aqui era fresco, mas agora está ficando cada vez mais quente. Eu e meu marido nos levantamos às 5 da manhã e, quando dá 6 horas, o sol já está tinindo de quente. Antes não era assim."

Distante uma hora de barco de Belém, sede da COP30, a conferência do clima das Nações Unidas, Barcarena, quinto maior PIB do Pará, é um retrato das contradições que permeiam as discussões nos corredores da Blue Zone, área refrigerada na qual representantes de 194 países buscam saídas para adaptar o planeta às mudanças climáticas. Outrora apelidada de "Chernobyl da Amazônia", por conta dos problemas de saúde recorrentes da população e da contaminação ambiental causados pela concentração de grandes indústrias de alumínio, alumina e caulim, o município de 140 mil habitantes recebeu, durante a cúpula, o título de primeiro "Hub de Resiliência da Amazônia", prêmio concedido, em outubro, pelo Escritório das Nações Unidas para a Redução do Risco de Desastres (UNDRR).

Segundo as Nações Unidas, Barcarena tem se destacado nos últimos anos por sua "resiliência climática" e por iniciativas em educação e segurança alimentar, além da adoção de uma agenda local de redução de riscos de desastres. A festejada redenção ambiental barcarenense teve início há dez anos, quando a cidade passou a integrar o C40 Cities, grupo de cidades criado em 2005, que, atualmente, reúne municípios de 97 países para discutir projetos de adaptação aos impactos do clima em transformação. Na mesma ocasião, a prefeitura alinhou oficialmente suas políticas públicas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. De perto, a realidade de Barcarena parece, no entanto, distante do belo quadro pintado na Blue Zone.

Os projetos municipais de fato existem e se valem de recursos financeiros, mas são pontuais e insuficientes, assim como os avanços esparsos conquistados ao longo de 30 conferências do clima, sempre em velocidade muito menor do que exige a urgência imposta pelo aquecimento global. Enquanto isso, a cidade, vítima há décadas da contaminação do solo e do lençol freático por metais pesados, sofre com o aumento da temperatura e dos períodos secos, aliado ao avanço progressivo das águas, o que provoca mais queimadas, ondas de calor extremo e erosão costeira. Comunidades ribeirinhas, quilombolas, indígenas e pequenos agricultores são os mais afetados.

**Erosão costeira, água contaminada, lixo e sumiço dos peixes... As políticas públicas são insuficientes**

**Líder do Burajuba,** Maria do Socorro Nerys da Costa, a Dona Socorro, afirma que a situação se agravou nos últimos cinco anos. "Em Barcarena, a mudança climática atinge as árvores, os animais, os frutos e até mesmo a água que a gente bebe. A quentura durante o dia é insuportável. Temos grandes mineradoras aqui há 40 anos, e o clima mais seco e quente tem aumentado o número de óbitos dos parentes. Dormimos e acordamos respirando esses metais pesados, essa fumaça. A quentura é imensa e nossas bacias hídricas, que sempre tiveram uma água geladinha e gostosa, estão ficando mornas. Se a gente vai tomar banho no rio, está morno", revela Dona Socorro.

A alguns quilômetros do quilombo, os efeitos das mudanças climáticas mudaram a Praia do Caripi. O que antes era um paraíso arborizado às margens da Bacia de Marajó agora tem parte do piso em concreto e áreas desmatadas, resultado da tentativa da prefeitura de transformar o local em ponto de turismo para os abastados, mas que tornou o ambiente mais quente e seco. O incompreensível desmatamento é acompanhado pela erosão, que tragou a maior parte da faixa de areia em diversos pontos da praia. "A situação pio-

ines249

**Vítimas.** A faixa de areia da Praia do Caripi é engolida, ano a ano, pelas águas. Não se pesca mais, diz Nicéia Lopes, dona de um quiosque. Abaixo, Maria da Costa e Maria da Conceição reclamam do aumento do calor

ines249



rou por conta do calor que aumentou, da falta de árvores, da água que está tomando a areia da praia. Para nós é muita dificuldade, o turista quase não procura mais porque não tem onde ficar, debaixo do sol é muito ruim. Os piqueniques diminuíram muito porque as pessoas vinham para procurar o vento, ficar debaixo das árvores. Hoje em dia é muita quentura", lamenta Nilcéia Vieira Lopes, moradora local e dona de um quiosque. Outro problema, diz a comerciante, é o sumiço dos peixes. "Ficou mais complicado para pescar. Antigamente, a gente pescava bastante peixe e camarão, mas hoje em dia não tem mais. Agora temos de comprar o peixe na vila para poder vender, não pescamos mais aqui mesmo. Isso tudo mudou bastante o nosso modo de vida."

**A alteração do clima** também tem piorado a situação financeira nas comunidades tradicionais dependentes da agricultura. "O calor desde o ano passado destruiu toda a nossa produção. De açaí hoje, se você for por aqui olhar, vai ver só árvores sem a copa, sem nada. Com essa questão do aquecimento, o crescimento das plantas ficou muito lento", relata Edinaldo Silva dos Anjos, coordenador da Comunidade Santa Maria, de 400 habitantes. Mesmo quando vingam, as frutas não têm a mesma qualidade. "A gente sente a diferença, não estamos tendo safras boas de manga, de cupuaçu, de bacuri. Quando você corta a manga, vê que ela por dentro está toda rachada. Com o açaí e o uxi é a mesma coisa. As frutas não servem para comer, elas não conseguem se desenvolver que nem antigamente, quando a gente tinha uma fruta sadia." Associado à cooperativa local, Edinaldo reclama da falta de apoio técnico e financeiro. "A nossa cooperativa vai constantemente em busca desse apoio, mas não consegue, porque esbarra na burocracia, na questão de documentação, essas coisas." A falta de orientação dificulta a apresentação de novos projetos. "Até outro dia, a gente não tinha esse negócio de internet, então passava despercebido das coisas. E, quando a informação de um projeto vinha, a gente não conseguia se preparar a tempo." Bem-humorado ao falar da COP30, o agricultor diz que "essa tal de adaptação ainda não deu as caras por aqui". Em seguida, fala sério: "Já lutamos para plantar e colher, lutamos contra a burocracia e agora estamos lutando contra o clima. Tem que ter força".

A produção da cooperativa é adquirida pela prefeitura para a merenda escolar, prática que se repete em alguns pontos de Barcarena e, de acordo com a ONU, faz parte da bem-sucedida política de segurança alimentar do município. Apesar da iniciativa, na Comunidade Santa Maria ainda não se ouviu falar de qualquer projeto de adaptação da lavoura à nova realidade climática. "Para você produzir alguma coisa aqui tem que ter irrigação, porque a chuva está escassa. As árvores estão todas secas, os frutos já vêm secos, racham na árvore. O açaí também fica seco", descreve Maria Marly dos Campos, outra liderança da comunidade. Ela antevê o fim da forma de cultivo integrada à floresta praticada na região. "Os grandes produtores, com condições financeiras e tecnologia, vão crescer cada vez mais. E as comunidades tradicionais que estão aqui há muito tempo vão acabando. Ou a gente vende para eles ou vai trabalhar para eles."

Ao lado de Maria do Socorro Farias, Maria Marly está à frente de outra iniciativa no passado apoiada da prefeitura. Por meio da Associação Vida e Flora Barcarena, as duas realizam a coleta periódica de resíduos nas residências da região. "A gente ia pegar nas casas porque tinha recurso fi-

**"Eu luto pela vida. Não fomos nós que fizemos isso", diz Dona Socorro, líder comunitária**

ines249

**Sina.** O esgoto é despejado no igarapé. E outras duas Marias, Campos e Santos, foram obrigadas a reduzir a coleta seletiva por mudanças no contrato

nanceiro, tinha uma Kombi. Quando acabou o projeto, a gente não tinha mais como buscar de 15 em 15 dias, como fazia. O projeto durou dez meses, mas foi renovado porque não conseguimos atualizar a documentação. Agora a gente vai uma vez por mês, às vezes um mês e meio. Aí o pessoal não tem paciência de esperar, diz que fica muito material acumulado e queima tudo. É mais poluição ainda e um risco para a mata." O material coletado pela associação é levado para um depósito, separado e vendido para reciclagem. "A questão do lixo é um problema grande em Barcarena, porque nós não temos, pela prefeitura, a coleta seletiva. Então as pessoas coletam tudo junto, não adianta eles separarem, depois vai tudo para o mesmo lugar."

O Poder Público não peca apenas por omissão. Quando visitava o Quilombo Burajuba, a reportagem de *CartaCapital* flagrou o despejo de esgoto, feito pela companhia de saneamento, diretamente no igarapé em torno do território. "Eles estão proibidos de continuar a fazer isso por determinação de uma liminar. Estão descumprindo a lei", avisa o advogado Edvan Couteiro, defensor das comunidades do Burajuba e da Praia do Caripi. A Secretaria Municipal de Meio Ambiente não atendeu aos pedidos de esclarecimento.

**A distância entre** discurso, prêmios por um punhado de práticas bem-sucedidas e a dura realidade vivida por quem sente de perto os efeitos das mudanças climáticas é um sintoma de que as políticas de adaptação idealizadas na COP30 precisam ser concretizadas em maior escala e velocidade. "Aqui na Amazônia, uma atenção especial tem de ser dada para o tema da qualidade da água. É necessária uma abordagem transdisciplinar na qual os povos também participem da solução, sejam ouvidos", defende Sérgio Ribeiro, diretor do Centro Internacional de Água e Transdisciplinaridade. Para Pedro Arrojo, relator da ONU para questões de água e direitos humanos, "temos de construir estratégias de adaptação a partir de uma abordagem de direitos humanos para atender aqueles que vivem em situação de maior vulnerabilidade".

Várias vezes ameaçada de morte por conta de sua militância contra a ação das mineradoras, Dona Socorro sabe da dificuldade da disputa, mas diz não ter alternativa. "Eu luto pela vida. Não fomos nós que fizemos isso, fomos colocados dentro disso à força", revela. E diz ter esperança de um dia ver seus parentes novamente à beira do igarapé em Burajuba. "Que não seja eu, que já terei morrido, ou meu filho, mas a minha bisneta. Minha bisavó Januária foi escravizada e eu venho cobrar esse débito. O Brasil já nos deve muito por ter feito os nossos bisavós escravos, e agora terá mais esse débito ambiental com os nossos bisnetos." •

ines249



# Cobre-me se for capaz

**SOCIEDADE** Brasileiros saem do País para escapar das dívidas. Enquanto influenciadores ensinam rotas de fuga

POR LÍLIAN CUNHA

No Brasil, os abastados sempre fugiram para o exterior quando seus impérios desmoronaram. O ex-banqueiro Salvatore Cacciola, o empresário Eike Batista e, mais recentemente, o ex-presidente da Americanas, Miguel Gutierrez, são alguns dos notórios "fujões". A novidade agora é que pequenos falidos da classe média também enxergam no aeroporto a única saída para se livrar dos pepinos financeiros. Donos de pequenas empresas e até estudantes que se afogam em dívidas preferem dar no pé a encarar os papagaios, como se fossem foragidos financeiros.

De Valparaíso de Goiás, o ex-proprietário de uma pizzaria, Leonardo Avelino de Albuquerque, é um deles. Albuquerque abriu as portas em novembro de 2020, apostando no fim da pandemia. Não foi o que aconteceu e ele teve de tomar empréstimos. Esticou a vida da empresa até 2022, quando não aguentou mais. Acumulou 50 mil reais em contas de luz, cartão de crédito e impostos atrasados. Depois de três anos de juros e multas, a dívida atingiu 300 mil. Encurralado e cansado de fugir de credores (até a energia de sua casa foi cortada), o pequeno empresário pegou mala e cuia e mudou-se com a esposa para Portugal. Vendeu o carro e não deu *tchau* nem para os parentes, conta uma prima. Comprou a passagem com cartão de crédito... E não pagou. Agora está fora do alcance dos credores. Não porque os passivos expiraram, mas por uma questão de custo: cobrar alguém no exterior sai caro.

**A conta começa** com a localização do devedor. Sem saber onde os caloteiros estão, muitos credores contratam detetives. "A procura por esse tipo de serviço tem aumentado muito", diz Victor Minori Ishiy, detetive associado à World Association of Detectives, a entidade mundial dos profissionais do setor. Ishiy cobra cerca de 3 mil reais para localizar o devedor ou os bens dele no Brasil, num caso simples. Buscas mais elaboradas podem chegar a 15 mil. O segundo passo seria acionar o Poder Judiciário do país para o qual o devedor fugiu. As cartas rogatórias são o instrumento usado pela Justiça brasileira. "Cobrar uma dívida no exterior sai caro e não vale a pena se o total em aberto for pouco. Dificilmente a Jus-

Para muitos, a única saída é o aeroporto

ines249

**A jato.** Estados Unidos e Europa são, em geral, os destinos escolhidos pelos devedores que sonham em recomeçar sem serem importunados pelos credores

tiça vai atrás de quem deve, por exemplo, menos de 1 milhão, 10 milhões de reais", afirma Tatiana Cappa Chiaradia, sócia da área tributária do escritório Cândido Martins Cukier Advogados, em São Paulo.

Em abril deste ano, o Supremo Tribunal Federal decidiu que devedores fugidos do País podem ser punidos com a apreensão da Carteira Nacional de Habilitação e do passaporte e o bloqueio de cartões de crédito, desde que uma ação com esses pedidos seja aberta pelo credor. Mas a Corte determinou que as retaliações não podem ser usadas para dívidas de "valor irrisório" sem, no entanto, especificar um montante. Na prática, o Judiciário faz vista grossa para quem tem poucas dívidas e foge para o exterior. "Para quem deve pouco realmente não se estabelecem restrições de nenhum tipo que possam impedi-lo de migrar", diz Rabih Nasser, doutor em Direito Internacional e professor de Arbitragem e Direito do Comércio Internacional na FGV Direito SP.

**Na outra ponta** do problema estão os juros no Brasil. Com a Selic a 15% ao ano, temos a maior taxa desde 2006. Quem deve o cartão de crédito chega a pagar mais de 450% de acréscimos financeiros em 12 meses, fora multas e encargos, segundo o Banco Central. E isso acontece mesmo após a Lei 14.690, que instituiu, em 2023, limite de 100% de juros e encargos para o rotativo, simplesmente porque a legislação não define um prazo para esse teto. O que é bem diferente de fixar um limite de 100% ao ano. Então, na prática, o cliente só tem a lei aplicada quando sua dívida dobra de valor. Isso não chega, no entanto, a acontecer. Desde 2017, uma re-

ISTOCKPHOTO

ines249



gra do BC impede o cliente de ficar mais de 30 dias no rotativo. Após esse período, os bancos são obrigados a oferecer outra linha de crédito, com condições "mais suaves". A cilada mora aí: ao migrar a dívida do rotativo para o empréstimo pessoal, por exemplo, as instituições financeiras ficam livres de qualquer limite de taxas.

Por isso, para Albuquerque, mesmo começando com uma mão na frente e outra atrás em Portugal, ir para o exterior foi como tirar um novo CPF e começar a vida financeira do zero. Essa possibilidade também levou o empresário Gabriel Victor de Araújo a se mudar para a Flórida, nos Estados Unidos. Há dois anos, ele vendeu sua parte na sociedade que tinha em uma barbearia em São Paulo e partiu com a família para Miami. Deixou para trás cerca de 260 mil reais em dívidas com bancos e títulos protestados na Justiça. Sua ficha na Serasa, empresa de proteção ao crédito, atualmente ultrapassa os 410 mil, conforme apurou *CartaCapital*. Araújo não quis se pronunciar.

A vida dos foragidos financeiros geralmente é bem discreta, sem muitos contatos ou ostentação em redes sociais. Nem Araújo nem o goiano Albuquerque deram detalhes de onde trabalham ou o bairro onde moram. Os dois também temem a perseguição contra imigrantes ilegais, que se acirrou tanto na Europa quanto nos Estados Unidos.

Deixar para trás família, casa, amigos é uma decisão drástica. Para quem tem medo ou receio, influenciadores no TikTok fazem tudo parecer bem simples. "Será que eu posso sair do Brasil com o nome sujo, devendo SPC e Serasa? Chama os endividados, que a vez deles chegou. Gratidão!", propaga em um de seus vídeos a influenciadora porto-alegrense Josiane Domingos, a Jo Jo Domingos, que mora atualmente na Espanha. Jo Jo dedica-se a indicar o caminho das pedras para quem quer morar na Europa aos seus 3,2 milhões de seguidores e diz que, quando deixou o Brasil, também parcelou a passagem no cartão e não pagou. "Comentei isso nos meus vídeos porque é a realidade de muitos brasileiros. Mas isso aconteceu há muitos anos", afirma.

**A influenciadora Jo Jo ensina o caminho das pedras. Tem mais de 3 milhões de seguidores**

O paulistano Leonardo Costenaro, agora em Dublin, na Irlanda, também fala nas redes sociais a respeito de sua situação, sem constrangimento. "Eu deixei dívidas no Brasil, mas não sou cara de pau de sair do País devendo para pessoa física. Pessoas jurídicas, o que tenho a ver com elas?", publicou recentemente no X, o antigo Twitter. Costenaro aceitou conversar com a reportagem, descontraidamente. Disse que vive e trabalha em Dublin fazendo entregas. Já chegou a trabalhar com moderação de conteúdo nas redes sociais. Tem até um cachorrinho. Mesmo assim, faz planos de retornar ao Brasil. "Quando eu voltar, as dívidas já vão ter expirado."

**Não é, porém,** exatamente o que diz a lei. "Quando a Justiça não encontra bens ou o endereço dos inadimplentes, pode acontecer a prescrição das dívidas se houver inércia do cobrador por mais de cinco anos", explica Tatiana Cappa. Ou seja, o cobrador precisa ficar cinco anos sem fazer contato de cobrança com o devedor. Mesmo assim, os débitos não evaporam. O credor pode cobrá-las por conta própria, à margem do Poder Judiciário. Ou seja, continuam existindo e os juros, correndo. E o CPF também não fica liberado. "Para liberar, é preciso ter o reconhecimento da extinção das dívidas em juízo e isso só acontece se elas forem pagas."

A empresária Cláudia (que pediu anonimato) fugiu para Portugal em 2023. Acreditando na prescrição dos débitos, fechou um bufê de festas e uma clínica veterinária, em Suzano, na Grande São Paulo, e deixou para trás 100 mil reais em dívidas. Mas a viagem não foi como esperava. "Não consegui trabalho lá, cheguei a passar fome. Há muito preconceito e não é fácil arrumar emprego." O pior veio depois: ela descobriu um caroço na mama. Voltou para o Brasil, desta vez para Minas Gerais, e teve o diagnóstico de câncer. Faz tratamento pelo SUS. "Nem sei quanto estou devendo e, sinceramente, nem penso nisso, não quero saber. Minha prioridade é sobreviver." As dívidas, mais uma vez, ficaram para depois. •

**Aula.** Jo Jo Domingos não pagou a passagem aérea

REDES SOCIAIS

ines249

**MARIA RITA KEHL**

Psicanalista e escritora, foi integrante da Comissão Nacional da Verdade. É autora, entre outros, de *O Tempo e o Cão*, vencedor do Jabuti de 2010, e *Tempo Esquisito* (2023), ambos pela Boitempo

# Jards

▶ Gosto de pensar que Macalé nunca ficou no porto chorando. Não. Nada de lamentar o eterno movimento dos barcos

Eu o ouvi cantar, pela primeira vez, nos anos 1970, graças ao meu namorado na época (hoje grande amigo) Inimá Simões. Não sabia quem era Jards Macalé, que naquela noite cantou sozinho, com excelente acompanhamento de seu violão. Seu assento, no palco, era uma privada (me desculpem se acaso confundo esse primeiro show com algum outro...). "Tirei o chapéu" para tamanha irreverência por parte de um artista ainda pouco conhecido. Mas não penso no gesto de cantar sentado na privada como tentativa de sensacionalismo. A mim, pareceu um convite ao bom humor. Como se dissesse: "Sou cantor, pouca gente me conhece... hoje me apresento aqui, sem pompa nem circunstância".

Tenho nítida a lembrança daquele homem magro, nem bonito nem feio, de um carisma *cool* excepcional. Penso em sua voz – ainda hoje, quando o escuto – como uma voz "gorda", talvez seja mais elegante dizer "voz cheia", mas Macalé não me parece o tipo que se importaria com a elegância. Ou sim? Sua figura magra, seu porte discreto e ao mesmo tempo sedutor, deve ter encantado muita gente além de mim.

O que mais gosto de ouvir, na voz dele, é a versão cantada do *Poema da Rosa*, de Bertolt Brecht, que muitos dos leitores devem conhecer.

*Há uma rosa linda/ plantada em meu jardim/ Dessa rosa cuido eu/ quem cuidará de mim?/ De manhã desabrochou/ de tarde foi escolhida/ pra de noite ser levada/ de presente à minha amiga// Feliz de quem tem uma rosa em seu jardim/ a minha amiga com certeza/ pensa agora só em mim...*

**Em outra chave,** *Vapor Barato*, em parceria com Wally Salomão, também me encanta: "*Oh sim/ eu estou tão cansado/ mas não pra dizer/ que não acredito mais em você/ Com minhas calças vermelhas/ meu casaco de general/ cheio de anéis/ Vou andando por todas as ruas/ e vou tomar aquele velho navio... / Oh minha honey baby/ baby... Oh minha grande/ Oh minha pequena. Oh minha imensa obsessão...*"

Quem se interessar, procure essas canções e muitas mais.

Macalé nunca esteve nas paradas de sucesso. Imagino que as tietes nunca tenham se jogado, apaixonadas, em sua direção. Nem ele desejava, imagino, tal prova de "triunfo". Gosto de imaginar que escolhia seu repertório por gosto, por amizade aos autores e pelo prazer, misturado com um sutil senso de humor, de cantar. Sugiro a quem nunca ouviu sua versão para *Movimento dos Barcos* (parceria dele com José Carlos Capinam) que procure. É uma canção que já nasceu para se tornar um clássico da MPB. *Estou cansado e você também/ vou sair sem abrir a porta/ e não voltar nunca mais/ desculpe a paz/ que eu lhe roubei /...* No fim: *Não sou eu quem vai ficar no porto chorando, não/ lamentando o eterno movimento/ movimento dos barcos, movimento...*

Gosto de pensar que Jards Macalé nunca ficou no porto chorando. Não. Nada de lamentar o eterno movimento dos barcos... Até que a vida o deixou no porto que abriga artistas geniais como ele. •

redacao@cartacapital.com.br

Ele nunca esteve nas paradas de sucesso

BAPTISTÃO E LEO AVERSA

ines249



# O mensageiro

**DITADURA** Documentos revelam como Dom Paulo Evaristo Arns atuou no exterior para denunciar a tortura no País

POR JAMIL CHADE

Um trabalho meticulosamente preparado, anos de organização de documentos e um cuidado total para evitar a espionagem da ditadura. Assim pesquisadores e líderes religiosos atuaram por anos para montar a mais completa compilação de dados sobre a tortura em um país latino-americano. Documentos guardados desde os anos 1980 em Genebra, na Suíça, revelam que dom Paulo Evaristo Arns, o reverendo Jaime Wright e uma série de colaboradores montaram uma estratégia minuciosa para permitir a catalogação dos nomes de 444 torturadores e de ao menos 240 locais onde os crimes foram cometidos.

O cardeal mobilizou um verdadeiro *lobby* internacional para denunciar a ditadura no Brasil, justamente quando parte da Igreja sofria com a repressão. Seu trabalho resultaria na publicação do relatório *Brasil: Nunca Mais*, com 707 processos conduzidos pela Justiça Militar que expunham os porões da ditadura.

A história de como o relatório foi produzido está detalhada pela primeira vez no livro *Nunca Mais – Os Bastidores da Maior Denúncia Contra a Tortura Já Feita no Brasil*, de Camilo Vannuchi.

Nesta reportagem, que servirá de prefácio ao livro, *CartaCapital* revela, porém, como o trabalho de Arns não ficou apenas na gestão da operação. Documentos mantidos até hoje em Genebra mostram que os organizadores previam um cronograma detalhado de como reunir as provas dos crimes no Brasil. Nada ocorria por acaso ou sem estratégia. Até a quantidade de dinheiro para xerox e para máquinas de escrever foi estabelecida com seis anos de antecedência à publicação da obra, em 1985.

**Em um dos relatórios,** os organizadores determinam a rota de viagens pelo País para coletar as evidências. Os trechos que deveriam ser percorridos em avião, ônibus ou carro estavam marcados. As cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Juiz de Fora, Brasília e Belém constavam do programa. Em outro documento, os organizadores alertavam para o risco de serem pegos, enquanto integrantes do Conselho Mundial de Igrejas, financiador do projeto, admitiam que a tarefa era "de alto risco para muitas pessoas".

Uma das estratégias dos organizadores do material foi negociar a publicação das revelações nos Estados Unidos, o que garantiria a difusão das denúncias. As cartas mostram o interesse de editoras norte-americanas pelo trabalho de Dom Paulo e o que chamaram de uma coleta de "grande valor para a história do século XX".

O financiamento externo viabilizou o projeto *Brasil: Nunca Mais*

O cardeal coletou de forma clandestina fundos e manteve encontros com líderes no exterior para denunciar as violações aos direitos humanos. A atuação do arcebispo de São Paulo ganhou o respeito de religiosos em todo o mundo e sua ação mobilizou uma rede de informantes, financiadores e apoiadores secretos. No País, ele e seus aliados organizaram manifestações, incentivaram líderes operários e até bancaram as despesas de famílias de trabalhadores em greve no ABC em 1980.

Papéis mantidos por anos nos arquivos do CMI, em Genebra, descrevem os bastidores do que ocorreu no Brasil durante os anos de chumbo e confirmam a prática generalizada e sistemática da tortura. Mas, acima de tudo, mostram a coragem do religioso e de seus apoiadores para denunciar o regime e expor os torturadores.

Em 2011, relatórios, testemunhas, cartas, informações de dissidentes e dezenas de acusações que faziam parte de três caixas de documentos foram entregues ao Brasil. Os originais foram, porém, mantidos em Genebra e, naquele ano, tive acesso às mais de 3 mil páginas do dossiê. Uma das constatações é de que a máquina de tortura do Estado não havia poupado nem mesmo sacerdotes. Em dezembro de 1978, o Centro Ecumênico de Documentação e Informação, no Rio de Janeiro, coletaria vasto material sobre a repressão sofrida pela Igreja naquela década.

O texto de introdução do levantamento deixa claro que o material havia sido encomendado justamente por Dom Paulo, que naquele momento tentava organizar um dossiê das violações aos direitos humanos que pudesse ser usado em algum momento pela Justiça.

Segundo o relatório, 122 religiosos foram presos pelo regime entre 1968 e 1978. Desses, 36 eram estrangeiros, nove bispos, 84 sacerdotes, 13 seminaristas

ACERVO ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO

ines249

**Fortaleza.** O arcebispo protegeu perseguidos do regime, apoiou a greve do ABC e foi fundamental para a coleta de provas dos crimes da repressão

e seis irmãs. Além dos religiosos, outros 273 fiéis "engajados no trabalho pastoral" também haviam sido detidos. Do total, 34 foram alvo de torturas, incluindo choques elétricos, paus-de-arara e pressões psicológicas. "Há registros de pessoas que ficam inutilizadas física e/ou psicologicamente por motivo da tortura", descreve o material. A repressão ainda incluiu 75 casos de líderes religiosos intimados a depor, muitos sob pressão para denunciar bispos e sacerdotes.

**Na lista dos atos** de repressão contra a Igreja, o levantamento destacou a invasão de locais de culto, assim como casas de líderes religiosos. As catedrais de Goiânia, Brasília, Porto Alegre, João Pessoa, Recife e Belo Horizonte foram alvo, em alguns casos, até de tiros. As ações também atingiram prédios da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Na residência de Dom Alano Pena, em Marabá, a invasão foi seguida por saques em 1977. Nessas operações, material da Igreja, documentos e arquivos foram frequentemente apreendidos, além de resultar na prisão de religiosos.

Para Arns e líderes internacionais, a máquina do Estado tinha se focado em parte da Igreja e, na segunda metade dos anos 1970, havia chegado a hora de uma ação nos bastidores para reunir apoio internacional e, nas ruas, para demonstrar a insatisfação popular. Teve então início um trabalho de informação e de cuidados nas correspondências internacionais. Em 27 de setembro de 1977, o então encarregado de Direitos Humanos na América Latina do CMI enviou de São Paulo uma carta à sede da organização, em Gene-

ines249

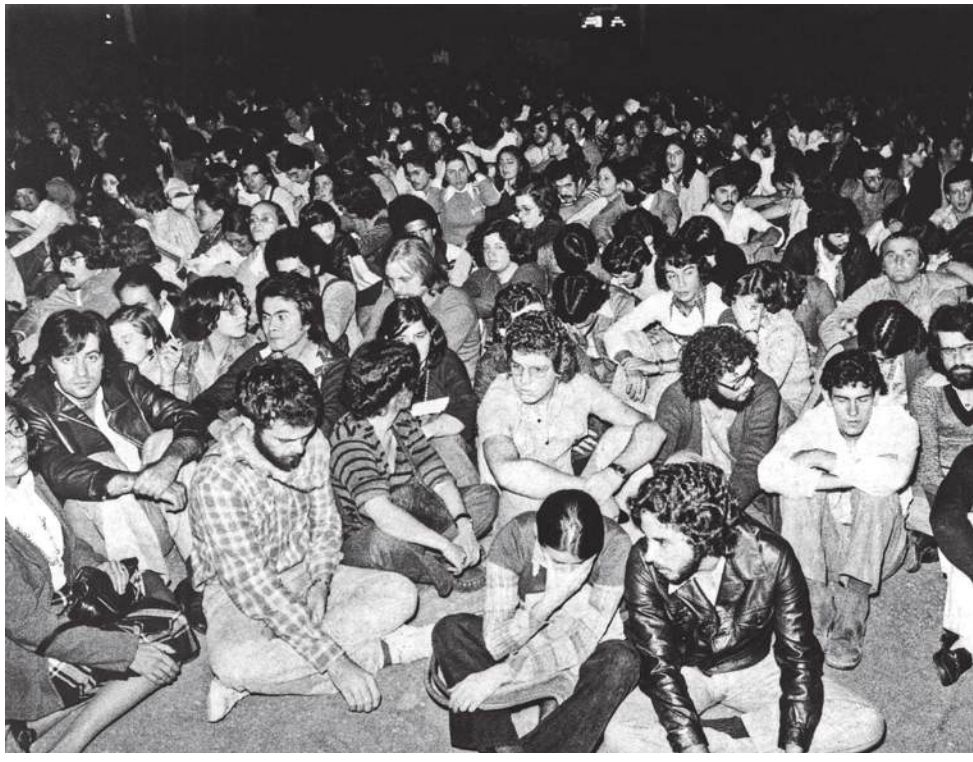


bra, alertando para a "crescente tensão entre a Igreja e as autoridades". A carta, no melhor estilo das diplomacias, foi classificada como "confidencial" e seu autor, Charles Harper, fez questão de pedir que o documento "não fosse publicado".

A missiva descreve dois momentos considerados fundamentais. O primeiro, o protesto que reuniu 6 mil manifestantes na Igreja da Penha, em São Paulo. "Foi a primeira vez que uma articulação tão lúcida, sob a iniciativa da Igreja no Brasil, foi feita desde 1964 em relação aos direitos humanos", anotou Harper. O segundo foi a invasão da PUC, na qual Harper elenca a apreensão de uma tonelada de "material e equipamento subversivo" e a prisão de 1,5 mil alunos, "alguns em plena prova" nas salas de aula. Para o observador internacional, o episódio "deve ser visto como uma retaliação contra a Igreja" depois da manifestação na Penha, quatro dias antes, assim como um alerta aos estudantes, cada vez mais mobilizados. Harper menciona ainda a pressão cada vez maior sobre Arns, considerado alguém de "coragem, firmeza e sentido de *timing*".

**A relação entre o CMI** e Arns ganharia novas dimensões. Dois anos depois da invasão da PUC, o religioso decidiu escrever ao então secretário-geral do conselho, Philip Potter, e pediu: o "conteúdo dessa carta deve ser confidencial, dadas as suas implicações". Na realidade, Dom Paulo pedia dinheiro para financiar a pesquisa que resultaria na publicação, em 1985, da obra *Brasil: Nunca Mais*.

O projeto nasceu de uma sugestão do reverendo Jaime Wright. Seu irmão, Paulo, havia sido morto pelo regime. O pastor, no lugar de pedir apoio à sua igreja, optou, no entanto, por se aliar a Arns. Mas o cardeal resistia em pedir dinheiro à Igreja no Brasil, por temer que a ala mais conservadora não só abafasse o projeto, mas também o denunciasse. A solução era pedir a entrega de recursos de forma clandestina, enviados da Suíça.



**História.** A invasão da PUC foi uma retaliação à manifestação na igreja da Penha. O *Brasil: Nunca Mais* foi relançado neste ano. O reverendo Wright foi parceiro de causa e amigo de Arns

O grupo usaria uma brecha na lei para compilar as informações. Para se preparar para a Lei da Anistia, dissidentes e advogados tiveram acesso por 24 horas a seus dossiês. Isso foi o suficiente para o grupo coletar 1 milhão de páginas, com detalhes da repressão. "Por todo o Brasil, em Cortes militares, há uma abundância de material que substanciam 15 anos de repressão, contidas em centenas de dossiês", afirmou Dom Paulo, que em outra carta chegou a citar o caráter "enciclopédico da tortura" no Brasil. "A presente abertura democrática pode dar a única chance de um acesso a tal material e para a sua preservação."

Nos documentos foram encontradas tabelas detalhadas sobre os custos e as viagens dos pesquisadores. Dom Paulo precisava de 329,1 mil dólares para completar o projeto. O equipamento comprado, segundo ele, seria posteriormente doado à PUC. Quase um ano depois, em 23 de junho de 1980, o cardeal receberia uma carta de Potter com duas notícias importantes. A primeira era de uma doação às "famílias dos operários em greve no ABC". A segunda foi, no entanto, a que mais causou impacto em Arns. O conselho confirmava a obtenção da "maior parte dos recursos necessários à realização do projeto especial". Potter ainda garantia que o resultado da pesquisa sobre a tortura no Brasil seria divulgado nas igrejas "em todo o mundo para sua reflexão".

**A catalogação da tortura uniu o cardeal e o reverendo Jaime Wright**

Depois de copiados, os processos eram enviados a São Paulo e transformados em microfilmes. De lá, seguiam escondidos

ines249

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO, PAULO PINTO/ AGÊNCIA BRASIL E ANTONIO LÚCIO/ESTADÃO CONTEÚDO

para Genebra. Quem chegava à cidade suíça com as informações retornava ao Brasil com dinheiro para a continuidade do projeto, escondido em cintos.

A luta contra a ditadura tornou Dom Paulo e Jaime Wright não apenas aliados, mas também amigos. Em 13 de setembro de 1996, o cardeal enviou uma carta escrita à mão ao reverendo, a quem chamou de "meu melhor amigo" e declarou sua admiração por sua "inteligência e a vibrar por sua coragem".

Para Harper, o cardeal deu apoio moral e espaço físico na Igreja para aqueles que lutaram contra a ditadura. O projeto resultou na adesão do Brasil, nos anos 1980, à Convenção da ONU Contra a Tortura e foi graças ao trabalho de Arns e do arquivo em Genebra que hoje se sabe no Brasil quem torturou, como e onde.

Em 1985, o impacto do dossiê surpreendeu os financiadores do projeto, na Suíça. Em uma das cartas, o Conselho Mundial de Igrejas constatou: a obra "mudaria" a forma pela qual os brasileiros olhariam para seu próprio país, na esperança de que exigissem Justiça. •

ines249



# Briga de foice

**BRASÍLIA** A disputa pelo comando da Defensoria Pública da União tem lá seus golpes baixos

POR MARIANA SERAFINI

Está na mesa do presidente Lula a lista tríplice com os nomes escolhidos pela categoria para comandar a Defensoria Pública da União nos próximos dois anos. O que era para ser uma escolha relativamente simples tornou-se, porém, uma briga digna do UFC. Dois servidores estão no centro da contenda: Tarcijany Linhares, lotada no Ceará, e o atual defensor-geral, Leonardo Magalhães, o mais votado pelos colegas. Completa o trio Fabiano Caetano Prestes, alheio aos "socos e pontapés".

Linhares conseguiu o apoio de parlamentares do PT e sua candidatura ganhou força por causa de uma pressão de determinados setores da sociedade por mais diversidade em cargos de comando. Como o presidente preferiu indicar aliados confiáveis às mais recentes vagas no Supremo Tribunal Federal, todos homens, a ideia de nomear uma defensora-chefe amealhou certa simpatia. Talvez por isso, um alvo foi pregado em sua testa. Circula em Brasília um arremedo de "dossiê" que acusa Linhares de ser bolsonarista e alinhada a fundamentalistas religiosos. Uma das "provas" seria um *post* do deputado Pastor Marco Feliciano, do PL, compartilhado pela servidora. Trata-se, na verdade, de uma imagem genérica de uma silhueta masculina com os braços para cima e uma frase bíblica do *Livro de Salmos*. A defensora é evangélica e não esconde a sua fé.

Deputados petistas também receberam uma mensagem de WhatsApp, supostamente enviada por uma assessora de Magalhães, Mell Faber, que acusa Linhares de apoiar o clã Bolsonaro. No texto, a assessora-chefe de Relações Governamentais da DPU apresenta-se como alguém oriundo "da direita" – até fevereiro foi assessora da senadora Tereza Cristina, ex-ministra da Agricultura no governo anterior –, e alerta: a candidata, apesar de mulher, não seria uma boa escolha.

**A assessora prossegue:** Linhares poderia ser uma pedra no sapato de Lula, pois o defensor-chefe tem prerrogativa para recorrer contra decisões presidenciais. O aviso parece, no entanto, não ter surtido efeito. Pelos corredores da Câmara, um deputado petista afirmou, em conversa informal, que a defensora continua bem-vista pelos progressistas. Procurada, Faber não atendeu aos pedidos de entrevista. Magalhães nega qualquer relação com o episódio e garante não ter conhecimento das mensagens. Alega, porém, que "num contexto de grande polarização nacional, e no período eleitoral, o fogo amigo e o jogo baixo são comuns". Caso o episódio ganhe mais repercussão, garantiu, será apurado internamente.

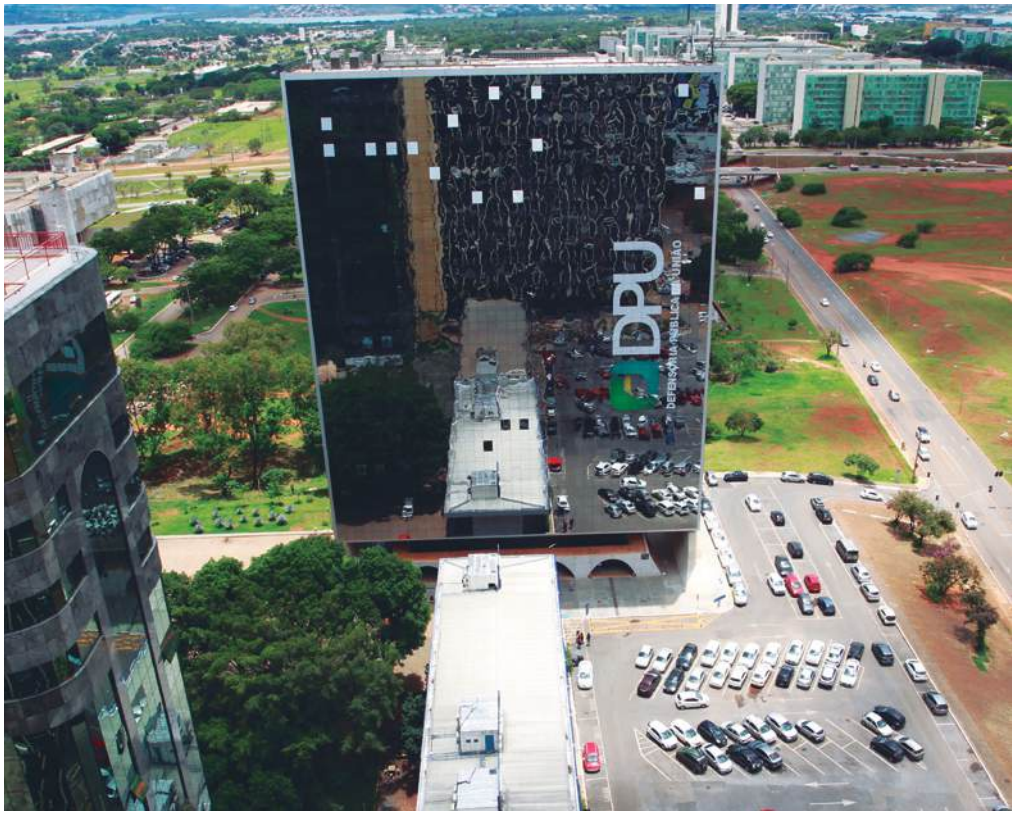
**Tarcijany Linhares, segunda na lista tríplice, é alvo de uma campanha de difamação**

Defensor público há 18 anos, Magalhães ingressou na DPU como estagiário e galgou posições até conquistar o posto mais alto em 2023. "Ser o primeiro negro defensor-geral incomoda, há resistência", avalia. Ao longo dos dois anos à frente do órgão, diz ter trabalhado para "ampliar a presença da instituição nos municípios". Para tanto, criou novas assessorias e ampliou a estrutura em áreas em situação crítica. Foi o caso das enchentes. Entre seus apoiadores está Toni Reis, diretor-presidente da LGBTQIA+ Aliança Nacional. "Temos um apreço pela forma como o doutor Leonardo conduziu a DPU e como fala com os movimentos sociais."

Em 2021, Magalhães viu-se, no entanto, no centro de um burburinho protagonizado pela ex-esposa do então presidente Jair Bolsonaro, Ana Cristina Siqueira Valle. Durante a CPI da Covid, foram divulgadas mensagens do celular do lobista Marcony Faria, nas quais ele teria pedido à mãe de Jair Renan Bolsonaro, o 04, para defender a escolha do atual defensor-chefe, à época em terceiro lugar na lista tríplice. Prontamente, Valle enviou uma mensagem ao então ministro do Tribunal de Contas da União, Jorge Oliveira, conselheiro do ex-marido. Magalhães, escreve Ana Cristina Valle, "é um candidato alinhado com os nossos valores, técnico e apoiador do Jair". E completa, sem pontuação: "Sei que os outros candidatos são de esquerda se puder fazer isso por mim serei muito grata um abraço".

O atual defensor-chefe afirma não conhecer o lobista e a ex-mulher de Bolsonaro e nega ter pedido apoio à dupla. O

ines249



**Ringue.** Linhares, evangélica, foi acusada de apoiar Bolsonaro e ser ligada a extremistas religiosos. Magalhães, que encabeça a lista tríplice da categoria, nega relação com o episódio

REDES SOCIAIS/DPU E AILTON DE FREITAS/DPU

então presidente escolheu para o posto Daniel Macedo. "Não só não tenho alinhamento com o bolsonarismo como não fui o escolhido", ressalta.

Linhares, por sua vez, lamenta estar no meio do fogo cruzado e também nega alinhamento à família Bolsonaro ou a qualquer outro líder de extrema-direita. "Em debates públicos, especialmente quando envolvem mulheres em posição de liderança, é comum sermos lidas sob lentes que enfatizam emoção ou falta de racionalidade, enquanto os homens são avaliados por outros parâmetros", filosofa. A candidata destaca uma vida dedicada ao serviço público, "sempre ao lado dos hipervulneráveis: ribeirinhos, indígenas, quilombolas, população de rua, migrantes e mulheres vítimas de violência". A respeito de sua religiosidade, acrescenta: "A Defensoria Pública da União é uma instituição de Estado e suas lideranças devem agir com absoluta observância à Constituição, à legislação e aos princípios republicanos. O Brasil é um Estado laico". A cearense atuou na Amazônia, no Semiárido, no Norte e Nordeste e foi chefe da DPU em Santarém, no Pará, em Teresina, capital do Piauí, e em Sobral, em seu estado natal.

**Defensora nacional** de Direitos Humanos entre 2024 e 2025, Carolina Castelliano, primeira mulher a ocupar o cargo, não conhecia os dois principais indicados da lista até passar a conviver com ambos no ano passado. Com 15 anos de atuação, já viu cenários internos distintos e reprova a gestão de Magalhães: "Trabalhou para diminuir a autonomia dos defensores de direitos humanos". Segundo Castelliano, o colega recusou-se a nomear profissionais indicados nas votações internas, sem dar explicações, e instituiu mandatos temporários, decisão contrária às diretrizes do órgão. Além disso, diz, "trabalhou para desestruturar o sistema interno". Linhares, ao contrário, teria atuado "de forma contundente para defender a autonomia dos defensores e os mecanismos da instituição".

O ex-presidente do Conselho Nacional de Ouvidorias e Defensorias Públicas do Brasil, Willian Fernandes, mostrou-se surpreso com as acusações contra Linhares, "uma defensora que representa os movimentos sociais na DPU". Vice-presidente da Comissão Justiça e Paz de São Paulo e advogado de movimentos por habitação, em especial a Frente de Luta por Moradia, Fernandes afirma que a candidata conta com o apoio dessas entidades. "Acreditamos que seria uma boa oportunidade para um governo progressista escolher uma mulher nordestina para chefiar pela primeira vez a DPU". •

ines249



# O escultor de São Paulo

**URBANISMO** Edifício reformado no centro da capital paulista homenageia Tebas, o arquiteto negro alforriado

POR CARLOS MINUANO

"Negro escravo, profissão: alvenaria", diz o samba do saudoso Geraldo Filme, que tirou Tebas do rodapé da história e o devolveu à memória popular. Mais de dois séculos depois, o apelido do pedreiro e arquiteto, de nome Joaquim Pinto de Oliveira, volta a aparecer no centro de São Paulo, agora na fachada de um prédio reformado no Largo da Misericórdia, no coração da parte antiga da cidade. A poucos metros da Sé, que ele construiu "em troca de sua carta de alforria", como canta o samba, o novo Edifício Tebas promete juntar habitação, arte e gastronomia em nome da sustentabilidade e da revitalização do Triângulo Histórico. Com 93% da estrutura original reaproveitada, uso misto e uma unidade de aluguel social, o projeto abre espaço para uma discussão mais ampla: que tipo de cidade se desenha quando a revitalização do centro e a memória negra passam a caminhar juntas? Para Marcelo Falcão, sócio da Somauma, empresa responsável pelo projeto, a escolha do nome é ao mesmo tempo simbólica e conceitual. "Para construir o futuro é preciso olhar para o passado. Reabilitar esse edifício é reconectar-se com a São Paulo antiga e reconhecer as mãos que ajudaram a erguer a cidade."

O desenho do prédio aposta na convivência entre tempos. Os primeiros andares são abertos para a rua e os demais têm um espaço cultural dedicado à memória da região, um restaurante voltado à ancestralidade brasileira e habitações compactas, todas encaixadas na estrutura preservada do antigo edifício comercial.

A proposta de requalificação do Triângulo Histórico desperta, entretanto, leituras distintas entre urbanistas. Nabil Bonduki, arquiteto e vereador, reconhece a importância ambiental do *retrofit*, que reduz emissões e evita a demolição de estruturas existentes, mas vê limites nos incentivos públicos concedidos pela prefeitura. Para ele, recuperar edifícios é positivo, mas deveria vir acompanhado de um planejamento mais claro para a região. "Os incentivos precisam estar articulados a planos de uso", afirma. "Hoje, a prefeitura concede benefícios sem garantir diversidade social nem atender a população de baixa renda."

No caso do Tebas, que conta com incentivos do Requalifica Centro, Falcão não vê problemas em recorrer a esse tipo de instrumento. "Esses programas existem para estimular a reocupação de áreas ociosas, gerar emprego, atrair investimentos e recuperar patrimônio." O retorno público, avalia, não se dá apenas em unidades de interesse social, mas em "movimentação econômica, novos postos de trabalho e reativação de edifícios históricos vazios ou subutilizados".

**A localização** do Tebas também suscita debate. Bonduki considera que o Triângulo Histórico poderia priorizar atividades culturais e administrativas, por funcionar naturalmente como uma área de grande vitalidade urbana. "É uma região que pode operar 24 horas. Moradias ao lado de casas de shows tendem a gerar conflitos de uso". Falcão discorda da ideia de que o uso residencial seja incompatível com a dinâmica do centro velho. Diferentes atividades no mesmo edifício e na mesma rua, afirma, mantêm o bairro vivo, inclusive à noite. Segundo o arquiteto, o projeto avança em duas frentes. Na comercial, o empreendimento está em pré-lançamento, com cerca de 40% das 43 unidades vendidas. Na obra, a equipe realiza inspeções e reparos na fachada, preparando o edifício para o *retrofit* interno. A previsão é que as moradias e os espaços de cultura e gastronomia sejam entregues no primeiro semestre de 2027.

Para entender o peso simbólico do nome do edifício, é preciso voltar ao próprio Tebas. Como lembra o escritor Abílio Ferreira, autor de *A Trajetória de Joaquim Pinto de Oliveira, o Tebas,* o mestre pedreiro negro esculpiu em pedra de cantaria a São Paulo colonial. "Ele ornamentou igrejas, reformou a antiga Catedral da Sé e esculpiu o Chafariz da Misericórdia, justamente no Largo onde o

As marcas do mestre do século XVIII espalham-se pela região

DANIEL FRIAS

ines249

***Retrofit.*** O prédio terá restaurante, centro cultural e apartamentos compactos

edifício atual se ergue." A redescoberta pública de Tebas não se deve apenas às suas obras, mas a uma conjuntura recente de interesse pela memória negra. O samba de Geraldo Filme, lançado nos anos 1970, recolocou Tebas no imaginário popular, mas o reconhecimento formal como arquiteto só viria em 2018, após pressão de pesquisadores e coletivos culturais.

O escritor lembra que "tebas", no século XVIII, significava "bamba, porreta". Era como o povo se referia ao homem que, escravizado, construiu marcos da cidade e conquistou a própria alforria com o ofício. O caráter popular e resistente é uma das razões para sua figura atrair tanto interesse contemporâneo. Para Ferreira, o batismo do prédio pode ser um avanço, "desde que haja contrapartida simbólica e informativa à sociedade". Caso contrário, diz ele, corre-se o risco de transformar uma referência histórica em mera marca esvaziada.

**Não existe um** caminho único para o centro, mas um princípio inadiável, garantir a permanência de quem vive lá, defende a urbanista Paula Santoro, coordenadora do Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. O território, diz ela, "é negro, imigrante, diverso em renda, crenças e modos de vida". Mantê-lo assim exige políticas que evitem remoções e promovam requalificações graduais. O inverso, prossegue, ou seja, a substituição rápida de usos e populações, tende a apagar memórias e redes sociais difíceis de reconstruir. Os incentivos do Requalifica Centro, lamenta, pesam mais na balança do mercado do que no interesse público. "Os empreendimentos acabam oferecendo unidades sociais muito residuais, enquanto a maior parte da pontuação favorece fachada ativa, uso misto e estratégias de valorização." O resultado é que poucos projetos incorporam moradores de baixa renda, justamente aqueles que habitam e dão vida ao centro.

No fundo, essa é a pergunta que suscita o debate a respeito do edifício que hoje leva o nome de Tebas: se a cidade da qual ele foi um dos artífices pode finalmente ser um lugar onde a memória não serve apenas como ornamento, mas como pacto de permanência e pertencimento. Ou, como versa Geraldo Filme, sobre o mestre pedreiro que "construiu a velha Sé" sem jamais ter sido celebrado: "Exalto no cantar de minha gente, a sua lenda, seu passado, seu presente". •

ines249



# Povo de terreiro

**RIO GRANDE DO SUL** O estado mais branco do Brasil também tem a maior proporção de adeptos de religiões de matriz africana

POR RENÉ RUSCHEL

"A Bahia é aqui", provoca Baba Diba de Iemanjá, presidente do Conselho do Povo de Terreiro do Rio Grande do Sul. Desafiando o senso comum, o estado com a maior proporção de moradores autodeclarados brancos do País (78,4%) também concentra o maior porcentual de praticantes de religiões de matriz africana (3,2%), segundo o último Censo do IBGE. O índice, que duplicou de 2010 a 2022, é o dobro do registrado na Bahia (1,6%) e mais que o triplo da média nacional (1%). Em algumas cidades gaúchas, os adeptos chegam a quase 10% da população. Apesar do protagonismo crescente, a invisibilidade e a intolerância persistem.

Baba Diba é líder da comunidade Ilê Asé Iyemonjá Omi Olodô, no Bairro São José, Zona Leste de Porto Alegre. Sanitarista graduado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ele conduz há 42 anos o terreiro fundado por sua bisavó, em 1930, que acolhe cerca de 300 famílias. "Os números confirmam a nossa força, mas ainda falta o reconhecimento", diz. "O respeito e os direitos precisam sair do discurso e chegar à prática."

A presença negra e a força das religiões de matriz africana no Rio Grande do Sul remontam ao período colonial. Entre o fim do século XVIII e meados do XIX, a economia gaúcha girava em torno das charqueadas, estabelecimentos rurais voltados à produção e exportação de carne salgada, concentrados em Pelotas e Rio Grande, na fronteira com o Uruguai. O charque chegou a responder por 60% da riqueza provincial, sustentado pela exploração da mão de obra de africanos escravizados. Com o fim do tráfico negreiro, em 1850, e a abolição da escravidão, em 1888, o ciclo entrou em declínio. A concorrência do charque uruguaio e argentino, mais barato e produzido em maior escala, mergulhou o setor em crise.

**Sem benefícios** ou indenização, os negros libertos foram lançados à própria sorte e migraram em busca de trabalho, sobretudo em direção a Porto Alegre. A capital em expansão oferecia empregos nas docas, obras públicas e serviços urbanos. Os recém-chegados levaram suas tradições, cultura e religiões, marcando o início de uma nova fase da presença negra na cidade. Nos bairros periféricos surgiram os primeiros núcleos formados por ex-escravizados e seus descendentes, que ajudaram a moldar a cultura, a economia e a identidade porto-alegrense, introduzindo práticas, ritmos e expressões religiosas ainda presentes nos terreiros da cidade.

O porcentual é o dobro do registrado na Bahia e representa mais de três vezes a média nacional

"Mas essa história sempre foi marcada por preconceito e intolerância contra a nossa comunidade", lamenta Baba Diba. O sacerdote lembra que o Brasil herdou uma tradição predominantemente cristã, primeiro sob o domínio da Igreja Católica e, nas últimas décadas, marcada pelo avanço das denominações evangélicas neopentecostais. "A liberdade de crença é recente. Só a partir da Constituição de 1988, que consolidou o Estado laico, o cenário começou a mudar. Antes disso, nossas práticas eram perseguidas, criminalizadas e tratadas como feitiçaria."

O preconceito, acrescenta o babalorixá, também está incrustado na formação escolar. "As instituições de ensino não estão preparadas para acolher crianças pretas e de terreiro. A educação brasileira foi construída sobre bases cristãs e eurocêntricas", observa. "Essa exclusão cultural ajuda a explicar por que a Lei 10.639, sancionada em 2003, ainda não é plenamente aplicada." A norma tornou obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas públicas e privadas e instituiu o Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro.

Passadas mais de duas décadas, a aplicação da lei segue precária. Faltam formação adequada para professores, material didático e, sobretudo, vontade política. A ausência de uma abordagem consistente sobre a contribuição africana e afro-brasileira reforça a exclusão e perpetua o racismo estrutural no sistema educacional.

A vulnerabilidade dessa população ficou evidente nas enchentes de 2024. A

ines249

tragédia teve cor, endereço e classe social: a maioria das vítimas era negra, moradora das periferias, e perdeu casas, bens e espaços sagrados. Segundo o Conselho do Povo de Terreiro do Rio Grande do Sul, perto de 650 templos foram atingidos pelas águas e até hoje não receberam ajuda ou recursos públicos. "Durante a distribuição de alimentos e remédios, muitos de nossos irmãos foram discriminados em abrigos e igrejas cristãs. Alguns foram rejeitados apenas por usar guias no pescoço", relata Baba Diba.

**Diante do abandono,** a comunidade reagiu. Cozinhas solidárias foram organizadas nas áreas mais afetadas, lideradas por mães e pais de santo. As doações, recolhidas em casas de famílias negras, fortaleceram os laços comunitários. "Foi ali que se reafirmou o sentido mais profundo de ser de terreiro: cuidar uns dos outros, dividir o pouco que se tem", diz o líder religioso. Mas o medo permanece. "Quando nuvens se formam e a chuva ameaça cair, o povo negro treme. Ele sabe que, se a catástrofe se repetir, será o primeiro a sofrer e o último a ser lembrado."

Apesar das dificuldades, as religiões de matriz africana continuam em expansão. Estima-se que existam em torno de 65 mil terreiros no Rio Grande do Sul e entre 15 e 20 mil apenas em Porto Alegre. Das dez cidades brasileiras com maior proporção de praticantes, nove estão em território gaúcho. Entre as 20 com maior presença, 18 são do estado. Viamão, Cidreira e Rio Grande lideram o ranking, com índices acima de 9% da população. Em números absolutos, Porto Alegre é a terceira capital com mais adeptos – quase 75 mil – atrás apenas de São Paulo e Rio de Janeiro, que têm populações muito superiores à gaúcha.

Para a pedagoga Tanara Forte Furtado, mestra em Geografia e doutora em Educação pela UFRGS, o crescimento das religiões de matriz africana expressa uma busca por novas formas de viver e se relacionar. "O projeto capitalista fracassou. A natureza está sendo destruída, e nossas religiões mantêm uma ligação profunda com o meio natural. Elas ensinam outro modo de existir, mais integrado e solidário", afirma. Segundo ela, o que rege essas crenças não é a espiritualidade, mas a ancestralidade, o vínculo com os antepassados, a natureza e a comunidade. Tanara acredita que essa expansão reflete a necessidade de pertencimento. "As pessoas buscam sentido e encontram nas religiões afro-brasileiras uma alternativa baseada na coletividade, no acolhimento e na solidariedade. É um sistema de relações em que ninguém se sente só, e é por isso que elas crescem."

**Expansão.** Em Viamão, os praticantes passam de 9% da população. Apesar do crescimento nas cidades gaúchas, o preconceito persiste, lamenta Baba Diba

AGÊNCIA BRASIL/TV BRASIL E REDES SOCIAIS/ASÉ VIAMÃO

ines249



# Paradoxo Brasil

**MACRO** Até quando vai funcionar a estranha combinação entre juros altos, crescimento do PIB e baixo desemprego?

POR CARLOS DRUMMOND

Caso o IBGE confirme o IBC-R do Banco Central, que registrou um recuo de 0,9% no terceiro trimestre, o Produto Interno Bruto terá a primeira queda trimestral desde o início do atual mandato do presidente Lula. Ainda assim, a projeção anualizada continua positiva, um pouco acima de 2%. Outros dados têm sufocado o terrorismo fiscalista do mercado financeiro. O IPCA, índice oficial de inflação, fechou em 0,09% em outubro, menor taxa para o mês em 27 anos, e o mercado financeiro passou a projetar que a alta de preços não ultrapassará o teto da meta de 4,5% definido pelo Conselho Monetário Nacional. O desemprego permanece o menor da série histórica e a massa salarial se expande, enquanto comércio, serviços e agricultura registram crescimentos consistentes.

Esse conjunto expressivo de indicadores positivos levou a uma mudança de tática do jornalismo econômico, que, segundo o falecido ex-ministro Antônio Delfim Netto, não é jornalismo nem economia. Os analistas abandonaram a cantilena do fim do mundo causado por um terremoto fiscal em 2027 para expedientes de ocultamento de informações relevantes que poderiam enfraquecer o discurso fatalista. Por trás do laconismo midiático sobre os êxitos da política econômica, alguns identificam também o mau humor de investidores com apostas pesadas contra a valorização do real, convencidos de que o governo não conseguiria segurar a moeda nacional diante do dólar. Hoje esses pessimistas radicais amargam vastas perdas e engrossam a corrente de críticos.

O viés antigoverno levou ao desabafo em vídeo do economista André Lara Resende, que disse não aguentar mais ouvir jornalistas econômicos da Globo. Segundo Resende, ele até conversa com alguns deles, que parecem mais esclarecidos por algum tempo, mas depois voltam a repetir as mesmas frases feitas sobre a suposta irresponsabilidade fiscal do governo. Já o economista-chefe da Warren, Felipe Salto, reconheceu que o quadro da economia "é mais benigno do que parte da Faria Lima acha".

**De escassa divulgação,** o *Boletim Macrofiscal* de novembro da Secretaria de Política Econômica do Ministério da Fazenda traz, entretanto, dados positivos relevantes sobre o comportamento da economia nos últimos três anos. "É importante lembrar que, até o primeiro trimestre, o mercado projetava uma inflação entre 5,5% e 5,6% no ano", afirmou o secretário Guilherme Mello. A secretaria estimava, porém, um crescimento do PIB entre 2% e 2,5%, com inflação inferior àquela do ano passado, que gradualmente se aproximaria da banda superior da meta. Esse era o cenário-base no início de 2025, incluindo uma desaceleração importante no preço dos alimentos. As perspectivas do mercado para a inflação de alimentos eram bastante superiores àquelas do governo, em torno de 10% de alta dos preços de alimentos em domicílio no ano. Havia também a expectativa de uma desaceleração maior do crescimento. O crescimento do PIB tende, no entanto, a se aproximar de 2,2% a 2,3%, e a inflação caminha para dentro da banda superior. "Obviamente, com a contribuição de uma taxa de câmbio mais valorizada do que esperávamos inicialmente", destacou Mello.

**A taxa de 15% ao ano atrai dólares, valoriza o real e reduz a inflação**

O ponto ressaltado pelo secretário tem fundamento e contempla um aparente paradoxo. Os juros estratosféricos, altamente perniciosos para o conjunto da economia, desempenharam um papel determinante na redução da inflação, não só por inibirem a atividade econômica, mas também por atraírem bilhões de dólares em aplicações estrangeiras remuneradas pelas taxas siderais. Essa inundação de dólares do conhecido "capital motel", que pernoita no País e no dia seguinte vai embora com o retorno obtido, segurou grande parte dos preços internos, em especial aque-

ALBARI ROSA/GOVPR E DIOGO ZACARIAS/MINISTÉRIO DA FAZENDA

ines249

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 46
**Automóveis.** Conheça a Arrow, montadora 100% brasileira de vans elétricas

**Ponta do lápis.** O Ministério da Fazenda, de Haddad, produziu dados próprios para contestar a manutenção da Selic em patamares escandalosos

les dos alimentos, que têm 65% dos custos de produção vinculados de modo direto ou indireto ao dólar.

A peculiaridade não passou despercebida pela oposição. O PL, partido dos Bolsonaro, entendeu que manter o câmbio valorizado será determinante nas eleições presidenciais de 2026. "A percepção é que é preciso movimentar a política para interferir na economia, em outras palavras significa fazer com que o dólar suba para dificultar a reeleição do presidente Lula. A avaliação é que 'sem dólar alto, o Lula está reeleito'", noticiou o site especializado Brasília Alta Frequência. A estratégia, prossegue a publicação, já começou a ser implementada. O líder do PL na Câmara, Sóstenes Cavalcante, mirou no presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo. Na tribuna da Câmara, criticou a política monetária e disse que é hora de o governo do PT parar de "dar dinheiro a banqueiro" com os juros altos.

O assunto esquentou com a iniciativa inédita do Ministério da Fazenda de apresentar cálculos próprios para justificar a necessidade, indiscutível, de baixar as taxas. Haddad concedeu entrevista para contestar a afirmação de Galípolo de que não podia "brigar com os dados". Segundo o ministro, se os juros fossem de 12% ao ano, a inflação aumentaria mero 0,2 ponto porcentual até junho de 2027.

**O desconhecimento** dos modelos utilizados não permite saber como a Fazenda e o BC levaram em conta, nas suas estimativas, as pressões inflacionárias previsíveis decorrentes do ano eleitoral e do aumento provável do consumo, a partir da irrigação da economia com o dinheiro dos precatórios e da aprovação da isenção do Imposto de Renda para quem ganha até 5 mil reais por mês. Os dados do *Boletim Macrofiscal* e do *Prisma Fiscal* mostram, entretanto, uma vitória sobre o catastrofismo da oposição e do mercado, que deveria deixar em segundo plano as divergências internas da equipe econômica. "Chegamos ao fim do ano com um resultado condizente com a estratégia que o Ministério da Fazenda e o governo traçaram desde o início, que era uma política econômica que colaborasse com a ancoragem da inflação ao longo do ano, em particular no primeiro trimestre, onde havia uma pressão inflacionária mais forte, e para isso contribuíram tanto a política monetária quanto a política fiscal", sublinhou Mello. "Considerados os três anos de governo e as projeções para 2026, tem-se a menor taxa de inflação acumulada em quatro anos, desde o início do Plano Real. A maior taxa de crescimento em quatro anos, em mais de uma década. A menor taxa de desemprego e a menor taxa de pobreza e de miséria da história. O Brasil voltou a sair do mapa da fome. E há a perspectiva, segundo o setor privado, de ocorrer em 2026 o maior inves-

ines249



timento em infraestrutura da história."

O governo terá um déficit primário dentro da meta zero e, mesmo quando se somam precatórios e eventuais gastos fora dessa conta, o resultado primário será algo próximo, prossegue Mello. É uma recuperação estrutural do resultado fiscal primário, sublinha o secretário. Com retomada de receitas sem aumento de tributos e reforma do Imposto de Renda que reduz a tributação dos mais pobres e aumenta a dos mais ricos.

**O orçamento** herdado em 2023 tinha uma expectativa projetada de receita federal líquida de 17% do PIB, uma das menores da história recente. "O nosso objetivo era voltar mais próximo do patamar de 19%, sem onerar o trabalhador, cobrando apenas daqueles que hoje pagam muito pouco. E esse resultado está sendo conquistado", sublinhou Mello. Em 2025, pela primeira vez em quatro anos, a despesa será ligeiramente inferior a 19% do PIB. Mesmo no período do teto de gastos era, como proporção do PIB, de 19,5%, 19,3%. "Caminhamos para um cenário em que ela pode ser inferior a 19%, o que mostra também um esforço de contenção da despesa logo após a recomposição orçamentária feita em 2023 pela PEC da Transição", ressalta o secretário.

**As despesas públicas vão ficar abaixo de 19% do PIB, projeta o secretário Guilherme Mello**

Outros destaques são a maior massa salarial da história, o crescimento do rendimento do trabalho e alguns indicadores "sobre os quais muitas pessoas nos questionam, como a relação dívida–PIB, vemos seguidamente uma redução", ressalta Mello.

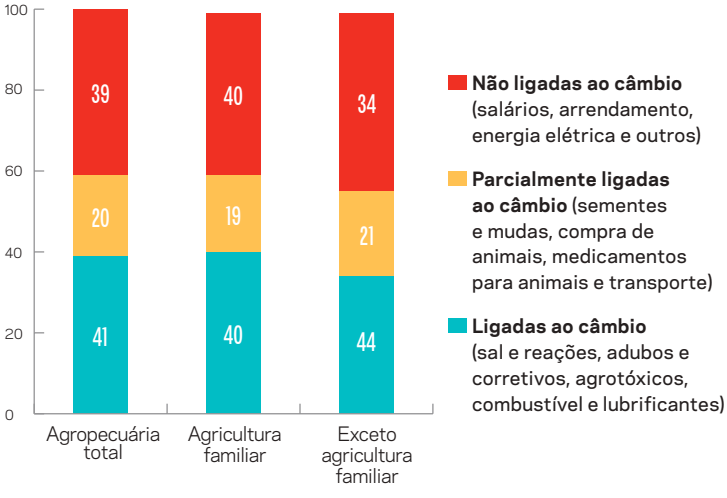
Segundo Tereza Assis, coordenadora-geral de Política Fiscal da Secretaria de Política Econômica, desde junho de 2025 as despesas primárias estão em um patamar estável de 2,39 trilhões de reais, em consequência dos limites fixados. As instituições fizeram a revisão consistente para baixo das estimativas do endividamento público para 2025, acumulando queda de 2,46 pontos porcentuais. Uma das explicações são as expectativas altistas para o PIB nominal e as revisões para baixo da inflação.

"O risco favorável é a queda da Selic ser acompanhada de melhora nas projeções de trajetória da dívida bruta em relação ao PIB", sublinha o economista José Francisco de Lima Gonçalves, professor da FEA–USP. "Se os espíritos animais forem despertados por tal expectativa, pode começar um círculo virtuoso." •

## ATÉ A OPOSIÇÃO DESCOBRIU: O DÓLAR SERÁ CRUCIAL EM 2026

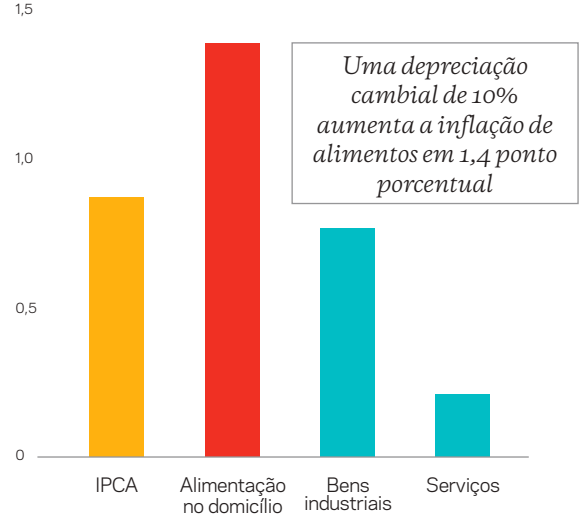
Cerca de 65% das despesas dos empreendimentos rurais está ligada, em algum grau, ao câmbio. Dentro dos preços livres, alimentação no domicílio é o grupo mais impactado por uma depreciação cambial

**CUSTOS DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA (%)**




**REPASSE CAMBIAL PARA A INFLAÇÃO**

Acumulado em quatro trimestres, p.p.




Fontes: Censo Agropecuário 2017, BCB

REGINA ASSIS

ines249

**ADALBERTO VIVIANI**
Consultor de marketing e comunicação especializado em bens de consumo

# *Ho ho ho*

▶ O décimo terceiro injetará 369,4 bilhões de reais na economia

O pagamento do 13º salário promete dar um forte impulso à economia no fim de ano e movimentar o comércio. Segundo o Dieese, o montante chegará a 369,4 bilhões de reais, beneficiando em torno de 95,3 milhões de trabalhadores. O valor médio é de 3.512 de reais.

A distribuição regional mostra que a maior parte desse valor irá para a Região Sudeste (aproximadamente, 49,6% do total), seguida pelo Sul (17,3%), Nordeste (16,4%), Centro-Oeste (9%) e Norte (5%). Em parte, os pagamentos serão usados para quitar dívidas. O restante deverá ser direcionado às compras. Comércio, indústria e serviços são as áreas que devem gerar mais vagas temporárias, outro fator importante para o consumo. Segundo a Associação Brasileira do Trabalho Temporário, entre o Natal e a Black Friday devem ser abertas perto de 535 mil vagas temporárias, a maior parte na indústria, para preparar os estoques.

Os setores que podem beneficiar-se diretamente e com mais rapidez são o de bebidas, especialmente cervejas, pela entrada no período de sazonalidade. Pequenas reformas e alimentação também estão no foco. O comércio varejista, pela sazonalidade do Natal, poderá ter um bom período de vendas, apesar de a data ter muita proximidade com a Black Friday e muitos consumidores anteciparem as compras, tentando obter maiores descontos.

## Black Friday

Pesquisa divulgada pela Associação Brasileira das Empresas de Cartões de Crédito e Serviços, realizada pelo Datafolha, estima que a Black Friday deste ano deve movimentar em torno de 15 bilhões de reais. Segundo o levantamento, 42% dos consumidores declaram intenção de comprar e gastar, em média, 1.422 reais. O valor, se confirmado, é 3% superior ao gasto em 2024. Mais da metade dos consumidores, exatos 55%, mostrou preferência pelas compras em lojas físicas e 47% pelas compras *online*.

Apesar disso, os *marketplaces* possuem uma previsão muito mais agressiva. Pesquisa da Associação Brasileira de Inteligência Artificial e E-commerce projeta que o *e-commerce* da Black Friday de 2025 pode atingir, sozinho, 13,34 bilhões de reais, alta superior a 14% sobre os 11,63 bilhões de reais de 2024. As plataformas têm reportado crescimento nas vendas em novembro. Via *marketplaces*, elas cresceram perto de 12% na primeira semana de novembro de 2025 em relação ao mesmo período do ano passado.

## Chefe no escritório

Jeff Bezos, fundador da Amazon, resolveu voltar a estacionar o carro em uma vaga na garagem da firma. Afastado desde 2021 das atividades operacionais, ele voltou a um cargo executivo ao assumir a liderança da Project Prometheus, *startup* de Inteligência Artificial criada para aplicar IA à economia real, focada em manufatura, engenharia avançada, automação industrial e setores aeroespacial e automotivo, dentre outros. A empresa, ainda pouco conhecida do público, nasceu gigante. Captou 6,2 bilhões de dólares, tornando-se uma das *startups* com maiores investimentos em estágio inicial. Parte relevante do aporte veio do próprio Bezos.

A iniciativa reflete o interesse do bilionário em tecnologias de alto impacto e em aplicações de IA que transcendem softwares e *chatbots*, mirando fábricas, grandes equipamentos e infraestrutura crítica. Para analistas, a iniciativa não interfere diretamente na gestão da Amazon, hoje sob direção de Andy Jassy, mas reforça o papel de Bezos como força influente no setor. A Amazon, por sua vez, mantém investimentos massivos em IA, mais de 40 bilhões de dólares anunciados em nuvem e modelos generativos, além de parcerias bilionárias com a Anthropic. Embora independentes, as duas frentes apontam para a visão de Bezos de que a próxima disputa tecnológica ocorrerá na convergência entre a IA e o mundo físico.

## Café quente

Apesar das tarifas dos EUA sobre o café brasileiro, o desempenho do setor continua a atrair o interesse e a gerar projetos ousados de investimento. Um deles é a criação da Jacurutu Coffee, iniciativa que nasce da parceria entre os grupos Santos & Dias e Ruiz Coffee, com consultoria da Eldorado Terra. O investimento estimado no projeto é de 1,05 bilhão de reais e a sede ficará no município de João Pinheiro, no noroeste de Minas Gerais, ocupando 5,5 mil hectares irrigados.

A Jacurutu Coffee mira produzir até 2,6 milhões de sacas por ano em uma década, tornando-se uma das referências globais em café arábica de alta performance. Para o mercado brasileiro, o impacto pode ser múltiplo: fortalecimento da cadeia produtiva de qualidade, aumento da competitividade no exterior, mais racionalização tecnológica e estímulo à valorização do café nacional, beneficiando também regiões menos exploradas. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

ines249



# Cupom *vs.* Copom, Parte II

**MOEDAS** Até agora não entenderam o que o nosso Banco Central está fazendo

POR LUIZ GONZAGA BELLUZZO E MANFRED BACK

Na saga *Star Wars*, temos os Jedi, antiga ordem de cavaleiros que usam a Força para manter a paz e a justiça na galáxia, sempre agindo pelo lado luminoso. Os amantes da arte cinematográfica vão lembrar o Jedi mais famoso, Obi-Wan Kenobi, que dizia sempre: "Eu tenho a força!"

A regra de Taylor entende que o Comitê de Política Monetária seria uma espécie de Jedi: eu tenho a força e a independência de determinar a taxa de juros básica.

*Guerra nas Estrelas* é uma obra de ficção científica, assim como o regime de metas é uma ficção teórica construída por uma teoria macroeconômica interestelar, porque vive de crenças, não do mundo em que o capitalismo sobrevive.

Nessa economia não há exportações, importações nem fluxos de capital internacionais. Não há taxa de câmbio e a taxa de juros é fixada com total independência. Hoje, o regime de metas prevalece na maioria dos países, à exceção da China e dos Estados Unidos da América.

O economista John Taylor espalhou o vírus do regime de metas mundo afora. Quando a inflação está acima da meta, aumenta a taxa de juros; quando está abaixo da meta, diminui. A força da suposta racionalidade afasta qualquer opinião contrária. Os Jedais da Força decidem se a meta deve ser de 3%, 4% ou 5%.

Diz Ron McKinnon: "Só existe um país verdadeiramente independente que pode definir sua política monetária: os Estados Unidos".

As outras moedas estão subordinadas ao dólar. Acreditar que qualquer Banco Central no mundo determina sua taxa de juros como se fosse o Federal Reserve é acreditar no Obi-Wan Kenobi.

**No regime de metas,** só existe a moeda doméstica e, assim, o Banco Central tem a Força. Essa concepção acredita que o país não mantém relações comerciais e financeiras com o exterior.

O Brasil tem câmbio flutuante desde 1999, com a abertura da conta de capitais. Desde o Plano Real, os capitais forâneos entram e saem livremente.

A taxa de câmbio é o elemento crucial na formação de preços, e determina a taxa de juros interna, não o contrário. É de um maquiavelismo rasteiro dizer que a atual gestão incentiva o rentismo, mais formidável ainda é a vastidão de opiniões na mídia daqueles que até agora não entenderam o que o nosso Banco Central está fazendo.

A internacionalização das carteiras impõe formidáveis desafios aos países de moeda não conversível

O amaldiçoado rentismo está no DNA do capitalismo: é congênito ao sistema. Não há essa troca entre produção e rentismo; nesse sistema, vive-se o dilema da incerteza do futuro, que afeta as decisões entre investir e buscar liquidez imediata.

No mundo das finanças, o risco das empresas é definido assim: exposição a variações de taxas de câmbio, de juros, receitas e custos. Isso confere extrema importância à gestão de riscos, mediante o uso de opções, *hedges* e *swaps*. Em um dia normal, a B3 negocia cerca de 300 bilhões de dólares nos contratos de dólar futuro que são denominados em reais e 1 trilhão de reais na taxa DI, taxa futura de juros do mercado interbancário.

Mais uma vez, há que esclarecer: os contratos futuros de dólar na B3 são ativos financeiros negociados em reais. O dólar é a moeda (ativo) subjacente. O contrato de cupom cambial indica ao mercado se vale a pena ficar posicionado na compra ou na venda de dólar futuro. Apostar contra ou a favor do real em relação à moeda norte-americana é tomar posição sobre a valorização ou a desvalorização do real em relação ao dólar.

Claudio Borio, economista do Banco de Compensações Internacionais, já desvelou a verdade que a maioria dos analistas se esforça por esconder sob a rica tapeçaria de seus inefáveis saberes fiscalistas. A morfologia dos movimentos de capitais é intrinsecamente pró-cíclica em sua recorrência maníaca. Vai da abundância de grana estrangeira às paradas súbitas, momentos de fuga para a praça financeira dos Estados Unidos, o Senhor da Moeda

ines249

O regime de metas é uma ficção construída por uma teoria macroeconômica interestelar, porque vive de crença

Esse "eterno retorno do mesmo" (Nietzsche, tenha piedade) está determinado pela interação entre a liberalização das contas de capitais das economias "emergentes", polos eventuais de atração da movimentação financeira e o papel dos Estados Unidos como provedores de ativos líquidos de "última instância", os títulos do Tesouro norte-americano.

**A interpenetração** financeira suscitou a diversificação dos ativos à escala global, o inchaço dos mercados futuros de câmbio e juros e, assim, impôs a "internacionalização" das carteiras dos administradores da riqueza, o que coloca formidáveis desafios às políticas monetárias dos países de moeda não conversível.

Diante da enxurrada de capitais empenhados na arbitragem promovida pelo diferencial de juros entre os mais fortes e os mais fracos, os emergentes levam surras periódicas dos agentes da finança, dizem, dotados de expectativas racionais.

Num ambiente internacional de livre movimentação de capitais, os Bancos Centrais dos países de "moeda fraca" encontram dificuldades em manter, simultaneamente, boas condições de crédito doméstico e a estabilidade de suas moedas.

O controle da liquidez em moeda forte é, portanto, crucial para a sempre precária combinação entre estabilidade e crescimento nas economias de moeda não conversível. Os países periféricos mais bem-sucedidos, como a China, preferiram manter controles seletivos e pragmáticos de câmbio e de capitais. Acumulam reservas elevadas em moeda forte (dólares ou euros) com o propósito de evitar "choques de desvalorização" que possam afetar negativamente os preços, o que impõe a elevação da taxa de juros doméstica.

Diante de frequentes episódios de aguçamento da instabilidade cambial, as vozes de sempre descarregaram as culpas sobre os ombros das "condições internas". Proclamam – sempre e sempre – os danos do "risco fiscal", exibido como um pecado irremissível. Ignoram que os países de moeda não conversível se dilaceram entre o objetivo de manter a inflação sob controle e o de não prejudicar o crescimento.

Seja como for, a sucessão de episódios de valorização/desvalorização demonstra que a almejada correção dos chamados desequilíbrios globais vai exigir regras não compatíveis com o sistema monetário internacional em sua forma atual. O movimento dos BRICS revela a reação de um conjunto de países diante dos percalços a eles causados por uma estrutura financeira global monetariamente hierarquizada, comandada pelo poder do dólar.

LUCASFILM LTD

ines249



# Carga elétrica

**AUTOMÓVEIS** A Arrow, montadora 100% brasileira, avança na produção de vans movidas a baterias

POR ALLAN RAVAGNANI

Lembra da Gurgel? A pergunta volta e meia aparece quando se fala de indústria automotiva no Brasil. Por que o País não tem uma montadora nacional de carros de passeio? A resposta costuma vir com um ar de fim de linha, como se a história tivesse parado ali. Ela é, no entanto, mais complexa. O Brasil pode não ter um sedã nacional nas vitrines, mas mantém uma engenharia forte em ônibus, caminhões e veículos especiais, especialmente no Rio Grande do Sul, de onde vêm a Marcopolo, a Agrale e a Randon, entre outras.

Com essa bagagem técnica, dois engenheiros decidiram dar um passo além da rota tradicional e criar uma fabricante de vans elétricas 100% nacional. A Arrow Mobility tem nome estrangeiro, mas DNA brasileiro, e quer provar ser possível fazer um veículo elétrico competitivo, pensado, desenhado e fabricado em território nacional.

A empresa nasceu em 2020, em plena pandemia, quando o transporte de passageiros parou e o *e-commerce* passou a ditar o ritmo das cidades. Os fundadores vinham da indústria de ônibus em Caxias do Sul, polo tradicional da mobilidade. O *delivery* crescia em ritmo inédito, com falta de segurança e frotas improvisadas no *last mile*. Nesse momento, a Arrow deixou de ser apenas uma casa de projetos e assumiu o risco de se tornar uma montadora de utilitários voltados à logística urbana.

O primeiro passo, conta o diretor-comercial Claude Padilha, foi definir um conceito próprio de veículo. Ele seria elétrico desde o início, não uma adaptação de um modelo a combustão. "Em pleno 2021, não dava para pensar em algo novo." O desenho teria de partir do uso real e das ruas brasileiras. O Arrow One, van elétrica de grande porte para o transporte urbano, resultou desse conceito. Em pouco mais de um ano, a empresa projetou o modelo, construiu o protótipo e homologou o veículo. As primeiras dez unidades foram produzidas em modo quase artesanal. Depois, com os primeiros contratos, a montadora migrou para uma planta em Caxias do Sul com capacidade instalada para fabricar até 2 mil veículos por ano em três turnos. Atualmente, ainda entrega cerca de cem unidades anuais, mas já organiza a produção para otimizar a capacidade da fábrica.

Chegar até aqui exigiu persistência.

**A meta é produzir 2 mil unidades por ano**

Padilha, diretor comercial: "O corpo e o cérebro são brasileiros"

ines249

Antes de conseguir o primeiro investidor, a Arrow fez 150 apresentações. Nas primeiras 149, recebeu um sonoro não. O sim veio na rodada seguinte, quando a Localiza topou entrar como investidora e cliente. O primeiro veículo produzido em série foi direto para a frota da locadora. Na sequência, o Mercado Livre passou a utilizar as vans da marca. Com o tempo, os Correios e outras empresas também começaram a testar o modelo em rotas de última milha. Em poucos anos, a empresa de Caxias empregava 60 funcionários e tinha passado a dividir espaço com importados nas operações de logística urbana.

**O desenho do Arrow One** foi desenvolvido internamente e rendeu três patentes. Mais da metade dos componentes vem de fornecedores nacionais, o que garante ao veículo o *status* de fabricado no Brasil. A carroceria é montada em Caxias do Sul. A parte de tração é desenhada pela própria Arrow e montada no exterior, com baterias de lítio ferro fosfato fornecidas pela chinesa CATL. Os conjuntos chegam prontos para a fábrica, onde são integrados à estrutura do veículo. "Na prática, o coração elétrico vem de fora, mas o corpo e o cérebro são brasileiros", diz Padilha. A produção alimenta uma cadeia de fornecedores de metal, vidro, acabamento, chicotes elétricos e serviços de engenharia, além de manter empregos em uma região acostumada a desenvolver veículos. A autonomia é de 200 quilômetros com carga máxima, ar-condicionado ligado e trânsito pesado.

A empresa aposta agora na diversificação. O Arrow One segue como modelo de maior porte. Sobre essa plataforma, a companhia desenvolveu o Arrow Refrigerado, direcionado ao transporte de alimentos, medicamentos e outros produtos sensíveis à temperatura, com opções de placas eutéticas ou sistema elétrico dedicado. Em paralelo, lançou o Arrow Two, veículo de entrada no segmento de carga elétrica. Com capacidade entre 5 e 7 metros cúbicos, mil quilos de carga útil e a mesma autonomia de 200 quilômetros.

Com apoio de uma linha de financiamento da Finep de 10 milhões de reais, a empresa iniciou o desenvolvimento da SmartVan, veículo elétrico autônomo voltado à logística urbana. Em parceria com empresas de robótica e visão computacional e com o suporte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o projeto prevê um utilitário capaz de se movimentar sozinho em pátios de centros de distribuição, aproximar o veículo das docas corretas e automatizar parte da contagem de carga. Sensores internos identificam a entrada e a saída de volumes e sistemas de monitoramento vigiam tentativas de vandalismo. A ideia é reduzir deslocamentos desnecessários de motoristas e ajudantes nos galpões e ganhar tempo em cada operação.

**Segundo Padilha,** essa é uma forma de encaixar a engenharia brasileira no mapa da transição energética. Cada litro de diesel queimado para mover um caminhão ou uma van, afirma, gera cerca de 3 quilos de dióxido de carbono na atmosfera, enquanto o veículo elétrico em operação não emite. Em centros urbanos congestionados, onde o transporte responde por parte relevante das emissões de gases de efeito estufa, trocar frotas por modelos a bateria é uma decisão que altera a curva das emissões.

A história da Arrow não resolve o vazio deixado pela ausência de uma montadora nacional de carros de passeio. O País continua sem um sedã disputando com marcas globais. Mas a trajetória da empresa mostra que ainda existe espaço para desenho, engenharia e produção de veículos com identidade brasileira.

REDES SOCIAIS/ARROW MOBILITY

ines249

# Pianistas e negros

**MÚSICA** Como Amaro Freitas, Hercules Gomes e Jonathan Ferr, nascidos na periferia, têm ressignificado o instrumento no País

POR AUGUSTO DINIZ

ines249

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 54
**Livros.** Tom Ripley, criado há 70 anos por Patricia Highsmith, segue em voga

RITA CARMO

**Efeitos sonoros.** O álbum Y'Y, de 2024, rendeu ao pernambucano Amaro de Freitas, de 34 anos, diferentes prêmios e turnês pelos Estados Unidos e Japão

O pianista pernambucano Amaro Freitas conta que, em vários dos lugares aos quais chegava para se apresentar durante o lançamento de seu primeiro álbum, *Sangue Negro* (2016), era confundido. Pelo fato de ser negro, o tomavam, muitas vezes, por percussionista – e não pelo pianista que era. Passada uma década, não só esse tipo de confusão deixou de acontecer como a negritude passou a ser um elemento significativo em sua trajetória.

Não à toa, na semana da Consciência Negra, Amaro foi convidado para fazer uma apresentação no Instituto Moreira Salles Paulista, inspirada no filme *Shaft* (1971), de Gordon Parks (1912–2006), ativista e fotógrafo que revolucionou o retrato das comunidades negras nos Estados Unidos.

**Amaro é hoje** reconhecido como um dos principais pianistas brasileiros. Com o exuberante álbum *Y'Y* (2024), ele ganhou desde o Prêmio da Música Brasileira até o "Disco do Ano" da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). O trabalho, apresentado em turnês pelos Estados Unidos e pelo Japão, recebeu ainda elogiosas resenhas em jornais como *The New York Times* e *The Guardian*.

No disco, Amaro usa a técnica chamada piano preparado, que consiste na colocação de objetos dentro do instrumento para criar efeitos sonoros. Seu objetivo era obter um som que remetesse à Amazônia. "Esse disco é sobre a identidade brasileira", diz o músico.

No mês que vem, ele lança o álbum de inéditas *Criolo, Amaro & Dino*, reunindo piano, *rap* e *soul*, com os cantores Criolo e Dino d'Santiago – este último português de ascendência cabo-verdiana. O disco mescla influências do *rap*, *jazz*, ritmos brasileiros e música tradicional de Cabo Verde.

Amaro faz parte, ao lado de Hercules Gomes e Jonathan Ferr, de uma nova geração de pianistas negros que tem se destacado. Os três têm em comum o fato de virem de uma realidade social onde realizar o sonho de tocar piano, um instrumento caro e complexo, exigiu deles grande determinação.

Criado em Nova Descoberta, na periferia do Recife (PE), Amaro Freitas, de 34 anos, foi levado aos 12 anos pelo pai, que trabalhava como pedreiro, para tocar no grupo musical do qual fazia parte na igreja Assembleia de Deus. Foi o próprio pai que ensinou ao filho os primeiros acordes no teclado.

Foi, porém, ao ouvir o pianista de *jazz* Chick Corea que Amaro "pirou" no instrumento e resolveu que queria ir para o conservatório de música da cidade. Com o salário como atendente de telemarketing, ele pagou seus estudos de música. Depois, passou a tocar na noite e, com os cachês, bancou a faculdade de Produção Fonográfica.

Ele acreditava que, com esse curso, estaria mais bem preparado para gerir a carreira. Ainda hoje lembra perfeitamente de seu mantra na época: "A realidade triste da periferia é que não se pode errar". Depois de *Sangue Negro*, vieram os álbuns *Rasif* (2018), *Sankofa* (2021) e então o aclamado *Y'Y*.

Os três foram formados a partir do contato com o teclado e, quando crianças, tocaram em igrejas de bairro

Foi também da periferia que veio Hercules Gomes, de 45 anos. Gomes cresceu em Porto Novo, bairro de Cariacica, na Grande Vitória (ES), com a mãe trabalhando como costureira e o pai como funileiro – mas o pai também tocava violão.

Quando tinha 13 anos, começou a tirar umas notas de um teclado que tinha sido esquecido em sua casa por um conhecido da família. Passadas duas semanas, já estava tocando na igreja católica do bairro. Não demoraria para que passasse a participar de bandas de baile e pagode.

**Aos 19 anos,** ele parou tudo para se preparar para o vestibular. "O ensino que tinha na escola pública era muito ruim até ali", lembra. "Precisei me dedicar em tempo integral para tentar ingressar na faculdade." O esforço terminou na aprovação para o curso de Música do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Um ano depois de ter entrado na universidade, conseguiu, com cachês e aulas particulares, realizar o sonho de adquirir um piano acústico. Ele lembra que, no começo da carreira, a mãe chegou a comprar para ele, em 24 parcelas, um teclado.

Seu primeiro álbum autoral, *Pianismo*, saiu em 2013. Desde então, tem feito recitais e lançado trabalhos com obras de compositores brasileiros nascidos no século XIX: Ernesto Nazareth (1863–1934), Chiquinha Gonzaga (1847–1935), Amélia Brandão Nery, a Tia Amélia (1897–1983), e Marcelo Tupinambá (1889–1953).

Este mês, Hercules Gomes dá um novo salto na carreira, com o lançamento do disco autoral *Bremen Solo*, gravado ao vivo em março, em Bremen, na Alemanha. O registro foi feito em piano solo, com arranjos seus e contou com o apoio do produtor alemão Thomas Köeke.

"Já tinha tocado no exterior, mas em Bremen foi a primeira vez em que apre-

ines249

**Novos trabalhos.** Hercules Gomes, de 45 anos, nascido na Grande Vitória, acaba de lançar *Bremen Solo*, gravado na Alemanha, e Jonathan Ferr, de 38 anos, nascido em Madureira, o álbum *Lar*

sentei minhas próprias composições", diz, sobre o novo álbum. Hercules Gomes mistura a linguagem erudita com a popular em músicas que revelam influências diversas, do *jazz* aos ritmos brasileiros, como o choro.

**Assim como Gomes,** o terceiro nome da trinca, Jonathan Ferr, de 38 anos, tem como marca a mistura de gêneros – indo do *jazz* e *neosoul* ao *rap* e música eletrônica. "Adoro essa provocação", diz ele, que lançou, em setembro, seu quarto disco, *Lar*, uma expansão do que ele chama de *urban jazz*. No disco, Ferr, que é também cantor, reafirma sua maneira de tocar piano, com fusões de estilos e improvisos.

Criado numa família pobre no Morro da Congonha, em Madureira, Zona Norte do Rio de Janeiro, ele frequentou a igreja evangélica, levado pelos pais, onde recebeu a influência do *gospel*, gênero que também se tornaria presente em sua carreira. Aos 9 anos, começou a tocar teclado e diz ter se reconhecido negro ouvindo Racionais MC's, já adulto.

Na infância, vendia água sanitária e cloro pelas ruas. Na adolescência, resolveu vender jornal para pagar um curso na Escola de Música Villa-Lobos, porque seus pais não tinham mais condições de bancar as aulas. Ao saber que o garoto trabalhava, um professor conseguiu uma bolsa para ele. Mais tarde, faria faculdade de Música na Unirio e, assim como Amaro, chegou a trabalhar em telemarketing para conseguir se bancar.

A mistura entre diferentes estilos musicais, o toque afro-brasileiro e o virtuosismo são comuns ao trio de artistas

A origem social, no caso de todos eles, acabou por forjar de forma direta a relação que têm com o instrumento. Amaro, Gomes e Ferr foram formados, na infância, a partir do teclado – muito mais barato e acessível que o piano – e nas igrejas de diferentes denominações que têm, nas periferias, um papel de acolhimento e sociabilidade.

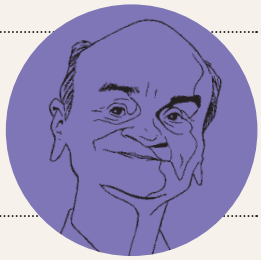
Hoje, a partir de diferentes estilos musicais, do virtuosismo lapidado por muita dedicação e do inconfundível toque de ancestralidade afro-brasileira, os três dão novas feições ao instrumento no País. •

VICTÓRIA BORBOLATO E DANI GURGEL

ines249

**DRAUZIO VARELLA**

Médico cancerologista, foi um dos pioneiros no tratamento da Aids no Brasil. É autor, entre outras obras, de *Estação Carandiru*, vencedor do Prêmio Jabuti de não ficção em 2000



# Mentiras lucrativas

▶ Por que Instagram e Facebook, a despeito de toda a tecnologia, não reconhecem e eliminam golpes? A resposta está nos bilhões de dólares gerados por eles

A Meta, dona do Instagram, Facebook e WhatsApp, ganha uma fortuna com o dilúvio de anúncios fraudulentos que infestam a plataforma. Essa é a manchete do *Reuters Special Report* para um relato escrito por Jeff Horowitz, repórter especializado em tecnologia, depois de uma investigação cuidadosa que mostra a cumplicidade da plataforma com as propagandas falsas exibidas por ela.

Escreve o jornalista: "No fim do ano passado, documentos internos projetaram que 10% do faturamento anual se deve à divulgação de propagandas, de itens proibidos e de golpes". Esses 10% correspondem a estratosféricos 16 bilhões de dólares.

Os documentos revisados pela Reuters mostraram que a Meta deixou de identificar e de apagar uma avalanche de anúncios fraudulentos que expõem bilhões de usuários a esquemas criminosos de investimentos financeiros, cassinos *online* ilegais e venda de remédios falsos.

Em relação aos crimes contra a saúde pública brasileira cometidos em parceria com a Meta, quadrilhas de estelionatários se apropriaram de minha imagem com tanta facilidade que chegaram a pôr à venda um curso *online* que ensinava a falsificar minha voz, por Inteligência Artificial, para vender tratamentos falsos. Uma matéria da jornalista Isabela Aleixo, publicada no UOL, mostrou que os vigaristas tinham mais de 600 alunos matriculados.

Como já expliquei nesta coluna, fiz uma denúncia ao Ministério Público de São Paulo e pedi os préstimos do escritório de advocacia Bottini e Tamasauskas, na tentativa de descobrir quem são os meliantes. É tarefa inglória. A Meta recusa-se a identificá-los e a legislação brasileira não está preparada para enquadrá-la em nosso código penal.

Enquanto isso, milhares de pessoas ingênuas caem em golpes que as fazem comprar comprimidos de conteúdo desconhecido que apregoam curar diabetes, dor nas costas, neuropatias periféricas ou hipertensão, além de uma infinidade de suplementos alimentares inúteis e do abecedário completo de vitaminas.

**A matéria da Reuters** explica: "Muitas dessas fraudes partem de anunciantes suficientemente suspeitos para serem detectados pelos sistemas internos de segurança da Meta. Mas a companhia só os proíbe quando seus sistemas automatizados estimam em pelo menos 95% o grau de certeza de que se trata de fraude".

E mais grave: quando o usuário clica numa dessas propagandas-golpe, passa a receber, por causa do algoritmo personalizado, outras da mesma espécie. É um esquema armado para otimizar os lucros da empresa em sociedade com golpistas para tomar dinheiro de pessoas de boa-fé.

O repórter entrevistou Sandeep Abraham, que trabalhou na Meta como investigador de segurança e afirma: "Se os legisladores não toleram que os bancos lucrem com fraudes, não deveriam tolerá-las na área da tecnologia".

Anos atrás, quando começaram a aparecer os vídeos *fake* usando minha imagem, tentei inúmeras vezes pedir que os tirassem do ar. Santa inocência. Imaginei que tratava com gente honesta e bem-intencionada, mas, nas raríssimas vezes em que obtive resposta, uma mensagem automática dizia que o vídeo obedecia às regras estabelecidas pela plataforma. Nunca derrubaram uma propaganda falsa sequer.

Na investigação da Reuters, Jeff Horowitz afirma que um documento de 2003 indica que a Meta estava ignorando a vasta maioria das queixas contra os golpes. "Os funcionários da área de segurança da empresa estimavam que, naquele ano, os usuários do Instagram e do Facebook tinham documentado cerca de 100 mil propagandas falsas e tentativas de golpe, por semana. A Meta ignorou ou rejeitou incorretamente 96% deles."

Você poderá pensar: com tantos vídeos que chegam até eles todos os dias, deve ser impossível separar o joio do trigo.

Há mais de dez anos, tenho um canal com mais de 4 milhões de inscritos no YouTube. De acordo com o ChatGPT, as estimativas mais confiáveis são de que eles publiquem de 2,5 milhões a 3 milhões de vídeos por dia. Nunca vi uma propaganda falsa em meu nome. Ao longo de todos esses anos, nas duas ou três vezes em que comunicamos alguma incorreção, ela foi imediatamente retirada.

Se a tecnologia do YouTube consegue identificar e eliminar golpes com tamanha eficiência, por que o mesmo não acontece com o Instagram e o Facebook? A resposta está nos 16 bilhões de dólares anuais que a plataforma fatura com eles. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

ines249



# Ver e ouvir a floresta

**CINEMA** *A Queda do Céu* busca uma nova forma de retratar, em som e imagem, o mundo Yanomami e a falência civilizatória

POR ANA PAULA SOUSA

Muito tempo atrás, o céu quase caiu. E o xamã adverte, no início de *A Queda do Céu*, que se seguirmos, como sociedade, a viver sem ouvir os lamentos da floresta, ele voltará a cair: "Quando a terra se transformar de forma inesperada, vocês podem ter o dinheiro que for. Vocês podem correr com o dinheiro, pois, quando o vento da tempestade chegar, vocês não poderão silenciá-lo".

Adaptação do calhamaço *A Queda do Céu – Palavras de Um Xamã Yanomami* (Companhia das Letras, 768 págs., 101,91 reais), do líder Davi Kopenawa e do antropólogo Bruce Albert, o filme busca traduzir, em imagem e som, do chamado dos Yanomami para que os escutemos.

Dirigido por Eryk Rocha e Gabriela Carneiro da Cunha – ele cineasta, e ela atriz e produtora teatral ligada ao mundo amazônico –, *A Queda do Céu* tem como grande "astro" o próprio Kopenawa. Ele sempre está, no entanto, acompanhado de seu povo e dos espíritos da floresta.

O livro, de 2015, é assim definido no site da Companhia das Letras: "Relato de xamã Yanomami revela a riqueza e as lutas dos povos da floresta em livro de gênero único". A mesma definição cabe ao filme, que tem sido recebido, mundo afora, como uma experiência cinematográfica muito particular.

Desde a primeira exibição, na Quinzena dos Realizadores do Festival de Cannes, em maio de 2024, o filme participou de 80 festivais e recebeu 25 prêmios nacionais e internacionais.

**Antes de sua chegada** ao circuito de salas do Brasil, na quinta-feira 20, o longa-metragem teve uma pré-estreia em Belém, no Instituto Ciência de Arte, durante a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP30). A pré-estreia foi organizada pelo Observatório do Clima e contou com a presença de Kopenawa.

Embora de "gênero único", como o livro que lhe deu origem, *A Queda do Céu* insere-se num imaginário audiovisual que vem sendo forjado pelos próprios indígenas. Kopenawa, inclusive, já havia sido roteirista, ao lado de Luiz Bolognesi, em *A Última Floresta* (2021), também sobre os Yanomami.

**Os filmes realizados com e por indígenas têm se transformado em uma ferramenta de luta e mobilização**

Não é exagero dizer que, nos anos recentes, o cinema feito por realizadores como Graciela Guarani, Olinda Tupinambá, Isael Maxakali, Sueli Maxakali e Alberto Álvares tem impactado a forma pela qual os não indígenas filmam as cosmogonias de diferentes povos. Álvares, que é Guarani-Nhandewá, disse em certa ocasião a *CartaCapital*: "Antes a gente era caçado. Hoje, a gente é caçador da nossa própria história".

O início dessa produção tem como marco o Vídeo nas Aldeias, criado por Vincent Carelli, na década de 1980. O projeto levou para as aldeias os equipamentos de filmagem e edição que foram possibilitando a construção de novas narrativas sobre os povos originários.

Se, em um primeiro momento, se tratava, sobretudo, de um registro de dentro – sem os vícios da etnografia – de ritos e modos de ser e viver, esse cinema foi se transformando também em ferramenta de luta e sobrevivência – deles mesmos, de suas terras e de suas crenças e tradições.

Rocha, ao ouvir, na entrevista, a pergunta sobre o que é hoje o cinema indígena, procurou, de forma reflexiva, desconstruí-la, acrescentando um "s" à expressão: "Num País onde existem mais de 350 línguas e povos indígenas, acho que existe uma multiplicidade de propostas. Acho que os cinemas indígenas vieram potencializar ainda mais a noção de cinemas brasileiros".

Atualmente, Rocha e Gabriela estão produzindo o primeiro longa-metragem dirigido por Morzaniel Iramari, que participa da fotografia de *A Queda do Céu*. "Quando o apresento, eu o apresento como um cineasta brasileiro, não como um cineasta indígena", pontua o realizador.

Cineastas brasileiros, e não indígenas, Rocha e Gabriela procuraram, em seu re-

ines249

**Em cartaz.** O longa-metragem, dirigido por Gabriela Carneiro da Cunha e Eryk Rocha e conduzido por Davi Kopenawa, ganhou 25 prêmios no Brasil e no exterior

trato do universo Yanomami, "levar o cinema muito a sério". A certa altura, eles são, inclusive, confrontados por um ancião que diz que se permite ser filmado a despeito de todo o sofrimento que "homens brancos" causaram a seu povo.

**"Nos empenhamos,** na montagem, na filmagem, em todo o processo do filme, para não reduzir o mundo Yanomami ao cinema que a gente conhece, mas, pelo contrário, expandir o cinema para que o mundo Yanomami possa se derramar", diz Gabriela.

"A gente nunca teve o desejo de explicar o mundo Yanomami, de racionalizar o mundo Yanomami", completa Rocha, acrescentando que eles procuraram, nesse processo, "confiar" no cinema. "A cosmologia Yanomami é muito visual e marcada pelo jogo entre ver e não ver. No filme, o som está muitas vezes em primeiro plano", prossegue Gabriela.

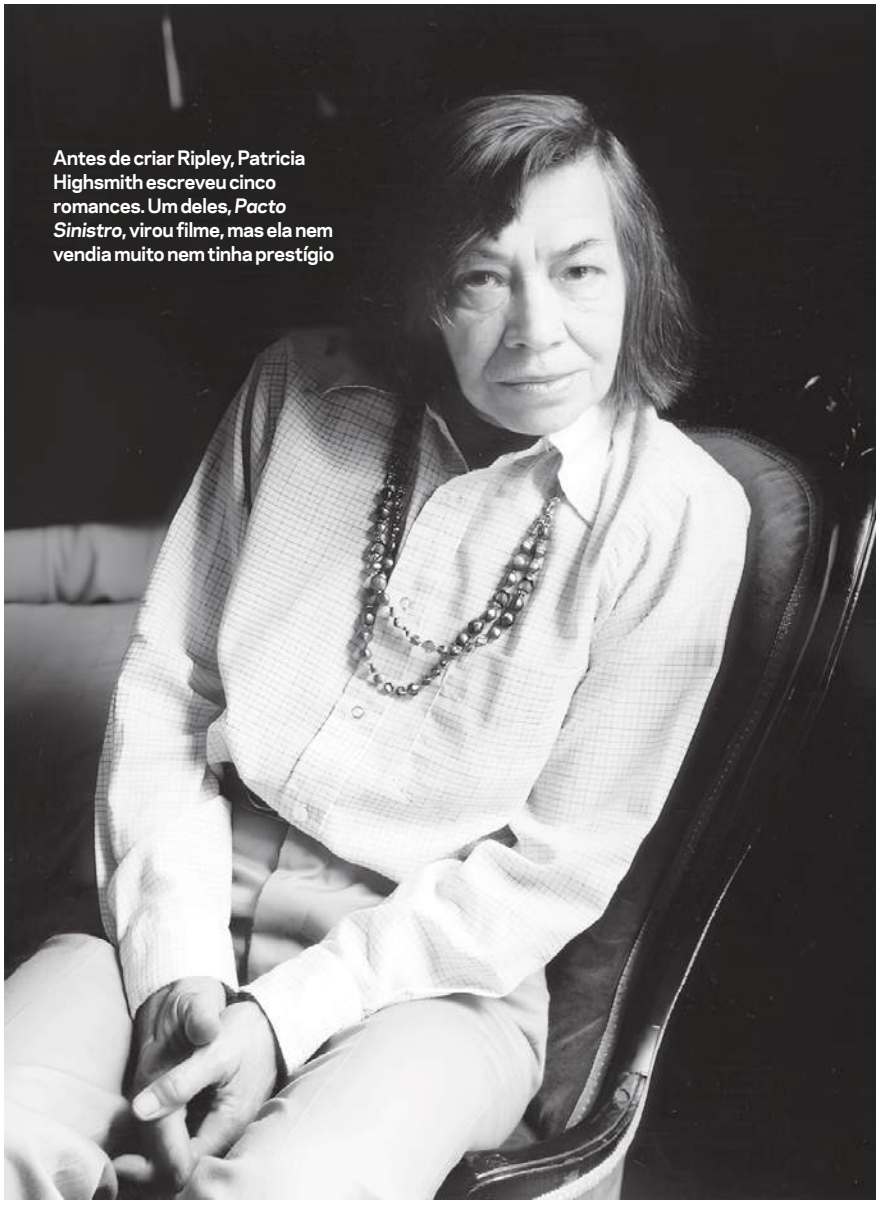
*A Queda do Céu* se oferece, assim, como um convite à imersão. A temporalidade do filme afasta-se radicalmente daquela do cinema convencional e as imagens parecem buscar certa dimensão onírica. Isso tudo se conjuga com um aspecto político muito forte – com as questões do garimpo ilegal, das invasões e da destruição sempre muito ressaltadas.

"No filme, o que é sensorial e poético é também político", diz Rocha. "A linguagem está enraizada em uma cosmovisão Yanomami e, nesse sentido, essa camada mais frontal é colocada de uma forma sensorial e poética." Olho no olho, os Yanomami dirigem-se aos "homens da mercadoria" e apontam nossa falência civilizatória. •

REDES SOCIAIS E SORAYA URSINE

ines249





Antes de criar Ripley, Patricia Highsmith escreveu cinco romances. Um deles, *Pacto Sinistro*, virou filme, mas ela nem vendia muito nem tinha prestígio

# Tom Ripley, em forma aos 70

**LIVROS** Explorado no cinema, na tevê e no rádio, o personagem é um dos grandes anti-heróis ficcionais do século passado

POR MARCELO MIRANDA

Quando publicou *O Talentoso Ripley*, em 1955, Patricia Highsmith já tinha uma trajetória como escritora, tendo lançado três romances em cinco anos. Um deles, *Pacto Sinistro*, foi adaptado para o cinema por Alfred Hitchcock com bastante sucesso. Mas, ainda assim, seus livros não vendiam tanto e ela nem era exatamente respeitada.

Foi ao entregar ao mundo a história de um trambiqueiro pobre em busca de ascensão social que assassina um milionário e assume o lugar dele que Patricia conquistou público e crítica. *O Talentoso Ripley* não só vendeu bem como ganhou prêmios importantes – entre eles o prestigioso Grand Prix de Littérature Policière. E, até hoje, Tom Ripley faz parte da cultura *pop*. Trabalhado pela autora ao longo de outros quatro romances e explorado em filmes, séries e programas de rádio, o personagem é considerado um dos grandes anti-heróis da ficção no século XX.

**Para celebrar** a efeméride de 70 anos do lançamento do primeiro livro, a Editora Intrínseca concluiu a republicação da série completa. Além do primeiro, saíram *Ripley Subterrâneo* (1970), *O Jogo de Ripley* (1974), *O Garoto Que Seguiu Ripley* (1980) e *Ripley Debaixo D'água* (1991). Todas as capas foram ilustradas em estilo *vintage* por Michel Casarramona, e as edições são numeradas na ordem das histórias.

Apesar de os livros terem tramas independentes, com pequenos pontos de contato entre si, a experiência de lê-los na sequência nos permite acompanhar o personagem ao longo de anos. Sempre improvisando e aprimorando técnicas de disfarce, trapaças e crimes obscuros, com mortes às vezes decididas no calor da situação, Ripley é, muitas vezes, frio e calculista,

NATIONAL PORTRAIT GALLERY/LONDRES

ines249

mas nem sempre tem a pior das intenções.

Patricia Highsmith o apresenta de maneiras tão ambíguas e contraditórias que fica a sensação de que, mesmo acompanhando os passos do personagem por centenas e centenas de páginas, nunca o conheceremos a fundo.

"Highsmith retoma procedimentos de autores como Edgar Allan Poe e Fiodor Dostoievski", diz o pesquisador, tradutor e editor Alcebíades Diniz, entusiasta da autora. "Ela faz isso ao tentar compreender mecanismos disparadores da violência e, consequentemente, do crime em indivíduos comuns e cotidianos, que escondem certa agressividade latente, representada pelo desejo e por máscaras mais ou menos bem construídas."

**O fascínio por** Tom Ripley vem, na visão de Diniz, desse arquétipo que sintetiza as muitas obsessões e percepções da autora: "Temos um personagem que é, ao mesmo tempo, falsário, assassino frio e cruel, diletante apreciador de arte e representante máximo do cinismo diante dos jogos sociais".

Ripley ganhou as telas, cinco anos após o lançamento do primeiro livro, na produção francesa *O Sol por Testemunha* (1960), de René Clément. O filme foi protagonizado pelo astro Alain Delon, primeiro ator a encarnar a figura misteriosa e sedutora descrita pela escritora norte-americana. Ela não ficou exatamente satisfeita com a mudança de final na versão cinematográfica e, apesar de elogiar Delon, dizia que o roteiro de Clément e Paul Gégauff punia demais a imoralidade de Ripley.

**O primeiro Ripley no cinema foi Alain Delon, em 1960. A mais famosa adaptação, com Matt Damon, estreou em 1999, quando a autora já estava morta**

Ela também não simpatizou muito com a versão do alemão Wim Wenders para *O Jogo de Ripley*, intitulada *O Amigo Americano* (1977) e protagonizada por Dennis Hopper. Mais tarde, viu o filme pela segunda vez e mudou de opinião, reconhecendo que se tratava de uma leitura bastante próxima ao seu próprio Ripley.

Falecida em 1995, Highsmith não viu a adaptação mais famosa de todas, *AO Talentoso Ripley* (1999), de Anthony Minghella, com Matt Damon como o personagem-título e Jude Law como o amigo rico. Ao longo dos anos, outras muitas versões manteriam o trapaceiro assassino constantemente em evidência: os filmes *O Jogo de Ripley* (2005), com John Malkovich, e *Ripley no Limite* (2005), com Barry Pepper, e a série da Netflix, *Ripley* (2024), com Andrew Scott. Nunca um ator repetiu o papel.

**Todo esse lastro** ajuda, obviamente, a manter vivo o interesse pelos romances, fazendo com que estejam sempre em circulação. "Com esses livros, Highsmith revolucionou, nos anos 1950, a maneira como o suspense era escrito, e sua marca está, sem dúvida, na literatura produzida nos dias atuais", diz Rebeca Bolite, editora-executiva da Intrínseca. "Os personagens, o cenário, as motivações e o estilo criado por ela seguirão interessando os leitores, geração após geração."

Para Alcebíades Diniz, o encanto permanece, sobretudo, pela maneira despudorada com que a autora desenvolve um único personagem por várias tramas arquitetadas, quase sempre, por ele mesmo. A longevidade de Ripley, tornado uma "estranha franquia", deriva, na visão de Diniz, da ambiguidade perversa das tramas e da visão cínica e pessimista da autora – que segue a tocar autores, roteiristas, diretores e, não menos importante, leitores. •

**Maior sucesso da carreira de Patricia, *O Talentoso Ripley*, lançado originalmente em 1955, é reeditado no País com todos os outros volumes da coleção**

ines249



# Foi quase

**RESENHA** EM *O GOLPE BATEU NA TRAVE*, O CIENTISTA POLÍTICO LEONARDO AVRITZER ANALISA A FRACASSADA (POR POUCO) INTENTONA BOLSONARISTA

POR SERGIO LIRIO

*O GOLPE BATEU NA TRAVE*
**Leonardo Avritzer.** Editora Autêntica
(128 págs., 47,48 reais)

Desta vez, os interessados em compreender a história do Brasil não serão obrigados a esperar duas décadas para ter análises e relatos confiáveis a respeito da organização de um golpe de Estado no País e suas consequências. Nos últimos três anos, pelo fato de o delírio autocrático ter fracassado, estudos acadêmicos variados e livros de jornalistas destinados a aproveitar a onda inundam as prateleiras com a promessa de decifrar a canhestra quartelada comandada pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, condenado a 27 anos de prisão. É até difícil separar o joio do trigo. O oportunismo da consistência. *O Golpe Bateu na Trave*, do cientista político Leonardo Avritzer, entra na leva do trigo.

Em sintéticas 128 páginas, o professor aposentado da Universidade Federal de Minas Gerais e coordenador do Observatório das Eleições discorre sobre dois pontos centrais da tramoia. O menos relevante, embora justifique o título, conclui que, ao contrário dos argumentos dos advogados de defesa e da crença dos bolsonaristas mais fanáticos, o Brasil correu riscos reais de ser aprisionado em uma nova ditadura, cujo tempo de duração e grau de violência são insondáveis. "Não foi um passeio no parque", resume o ministro Alexandre de Moraes, relator do inquérito no Supremo Tribunal Federal. Bateu na trave.

O outro ponto, central, trata de identificar quem, nos poderes constituídos e na sociedade, impediu o golpe de saltar da minuta para os blindados e as pontas dos fuzis. Avritzer demole a fábula, conveniente aos militares, a seus apaniguados e a quem ainda é consumido por um temor reverencial dos fardados, de que a resistência republicana do Alto-Comando das Forças Armadas teria sido decisiva para impedir a aventura autoritária. Diante do número de oficiais, de todas as patentes, julgados e condenados pelo STF, insistir na fantasia de Pollyanna é uma tarefa inglória, até para o ministro da Defesa, um agente infiltrado dos generais no governo e não um representante do presidente Lula no diálogo com os comandantes.

Se não foram os militares, quem salvou o Brasil da presepada? Em primeiro lugar, o Judiciário, afirma Avritzer, especificamente o Supremo. Ao contrário de 1964, a Corte tornou-se uma barreira às aspirações golpistas, salvo as exceções cujo empenho em negar os fatos foi recompensado pela Casa Branca: estão liberados a tomar sol em Miami e a fazer compras em Nova York. A esse esforço da maioria do STF de preservação das regras institucionais uniram-se forças políticas e sociais antes dispersas. Não foi tanto a quantidade, discorre o cientista político, mas a "qualidade" da resistência que evitou o pior.

**Consistência.** Avritzer vai direto ao ponto

**Bolsonaro faz jus** ao epíteto de mito. O capitão conseguiu dois feitos mitológicos, inesquecíveis, dignos da sua incompetência. É o primeiro presidente no exercício no cargo a não se reeleger desde que a possibilidade de dois mandatos consecutivos foi aprovada pelo Congresso, a despeito de quase ter levado o Brasil à bancarrota para se manter no Palácio do Planalto. E é o primeiro líder golpista condenado pela Justiça em um país constantemente acossado por quarteladas e anistias.

Bolsonaro, a esta altura, é um entulho descartado pelo sistema, uma página infeliz da nossa história. O golpismo não. Segue vivo e aloprado, alerta Avritzer. Todo cuidado é pouco. •

ACERVO PESSOAL

ines249

**AFONSINHO**

Primeiro jogador de futebol a conquistar o passe livre, foi ídolo do Botafogo nos anos 1960. Médico, usou o esporte para auxiliar no tratamento de pacientes psiquiátricos

# Novidades táticas

▶ Em meio ao caos do nosso futebol, a clareza das modificações feitas por Carlo Ancelotti, que, aos poucos, parece se abrasileirar, anima a torcida

A Data Fifa, que tinha a pretensão de aliviar o caótico e apertado calendário do futebol, acabou apenas confirmando, mais uma vez, a situação desordenada da nossa organização.

Nessa confusão, quem acabou se dando mal foi o Palmeiras. A derrota para o Santos, por 1 a 0, no sábado 15, na Vila Belmiro, não só complicou a equipe na disputa pelo título do Brasileirão como deu um novo ânimo ao Peixe, que estava seriamente ameaçado pelo rebaixamento.

Por outro lado, o Flamengo acabou ganhando um presente e tanto na semana do seu aniversário.

A Seleção Brasileira, no primeiro amistoso desta pausa, trouxe um respiro de otimismo para os torcedores. E esse respiro não vem apenas da boa performance na primeira etapa do jogo duríssimo contra o Senegal, no sábado 15, vencido por 2 a 0.

A clareza das modificações feitas pelo técnico Carlo Ancelotti – que, aos poucos, parece se abrasileirar –, também animou.

A diminuição do ritmo no segundo tempo deveu-se às substituições, que são naturais nesta fase de testes de nomes e alternativas táticas.

As novidades táticas mais evidentes foram, primeiro, a escolha por atuar sem um centroavante fixo. E, em segundo lugar, a surpresa de jogar sem um lateral-direito de origem, com a função sendo cumprida de modo excelente por Eder Militão, que vem se firmando como um dos destaques na defesa.

O ponto mais interessante, na minha opinião, foi a liberdade dada aos volantes para avançarem ao ataque, aproveitando a movimentação constante dos jogadores de frente.

Foi assim que Casemiro marcou o segundo gol do Brasil, mostrando que jogar sem um volante fixo (o antigo "cabeça de área") é uma mudança promissora que pode consolidar-se como uma alternativa de jogo.

**Fica no ar a pergunta** para críticos e torcedores sobre a ausência de uma formação com um meia-armador clássico e um goleador tradicional. No mínimo, deveria ser considerada como uma opção.

Para o próximo confronto, Ancelotti já adiantou a entrada de um lateral-direito e o retorno de Militão à zaga, sinalizando que vai experimentar um novo esquema.

Garantir uma vaga na Copa do Mundo pela Seleção Brasileira está se tornando cada vez mais difícil, e a responsabilidade dos jogadores que buscam esse espaço só aumenta.

Algumas seleções que disputavam a classificação para a próxima Copa já definiram sua situação, com poucas surpresas – à exceção das equipes estreantes.

O que tem deixado os torcedores espantados é o caso da Itália, seleção de grande tradição no "Calcio" (futebol italiano) que está ameaçada de ficar fora da Copa pela terceira vez consecutiva.

O risco de isso acontecer novamente aumentou após a *Azzurra* sofrer uma dura derrota em casa e passar, assim, a depender da repescagem. O que pode ter acontecido a um país que já foi considerado o "Eldorado" do futebol profissional? Essa situação precisa servir de alerta para todos nós.

Enquanto a Seleção joga, os clubes tentam se virar em meio à bagunça do calendário. Alguns já têm sua situação definida, seja com a vaga garantida nas fases finais de copas e campeonatos, seja com o rebaixamento. O mesmo acontece nas divisões de acesso.

Na Série B, com algumas equipes já garantindo o acesso, oito times ainda disputam, a duas rodadas do fim, as duas últimas vagas.

É uma série cada vez mais difícil, sempre disputada por clubes tradicionais que, por um descuido, acabam caindo e precisam encarar essa "pedreira" para voltar à Série A.

Chegamos a um ponto em que vários clubes anunciam mudanças em suas estratégias, alegando a necessidade de preservar a saúde mental dos jogadores.

Vemos equipes alterando datas de viagens, conexões de voos – recorrendo, por vezes, a voos fretados – e aumentando as comissões técnicas para dar melhores condições de assistência aos atletas. Trata-se do retrato de um verdadeiro caos na reta final da temporada.

E, antes de concluir esta coluna, uma observação sobre o que acontece no esporte fora dos campos de futebol.

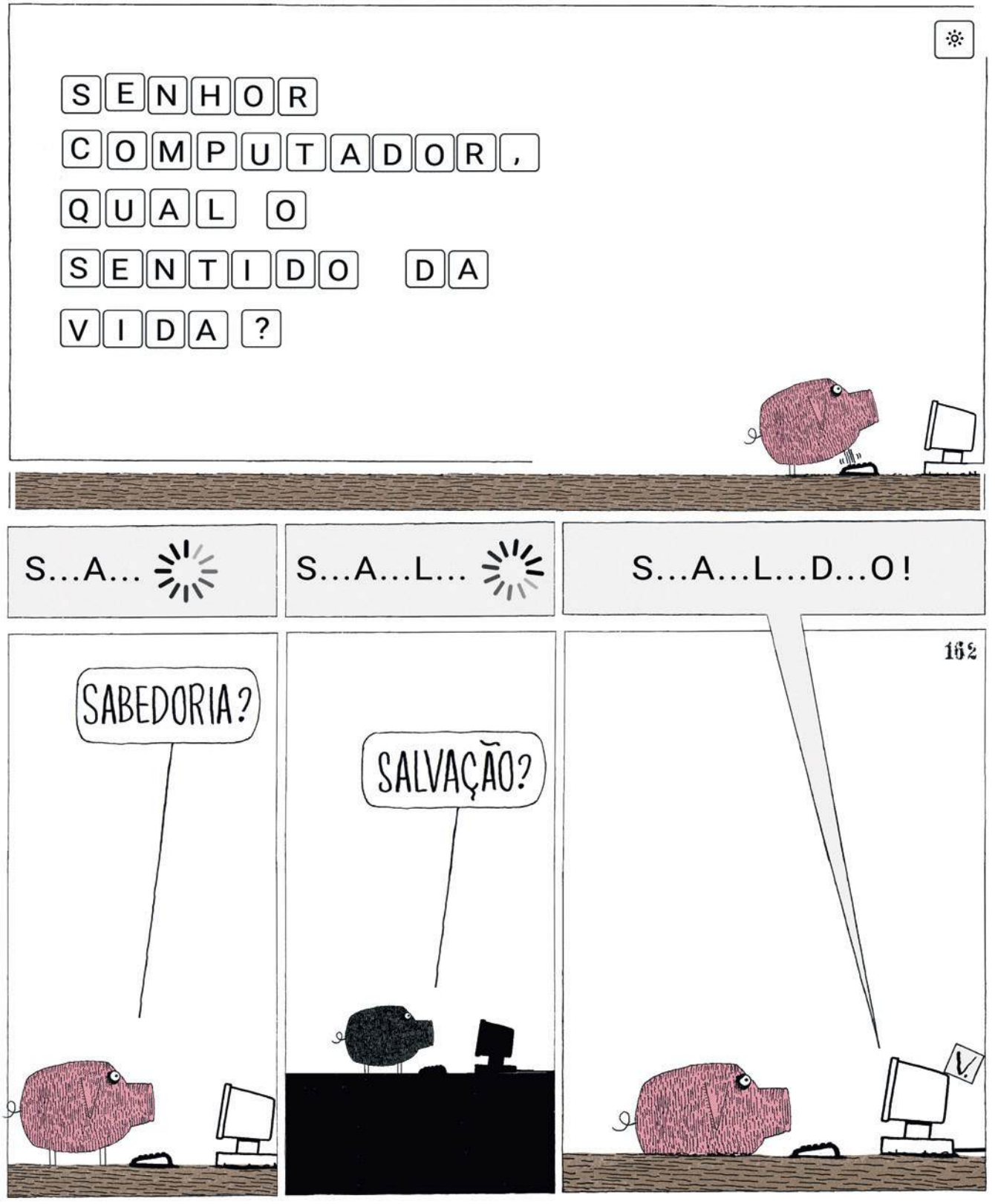
A cada semana, o tenista João Fonseca segue subindo no ranking mundial, confirmando o que os especialistas já previam desde as suas primeiras vitórias. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

ines249




SENHOR COMPUTADOR, QUAL O SENTIDO DA VIDA?
S...A...
S...A...L...
S...A...L...D...O!
SABEDORIA?
SALVAÇÃO?
162

ines249

# POLÍTICA NA VEIA

*Política na Veia* é o *podcast* semanal de política da *CartaCapital*. A cada semana, Sergio Lirio (*CartaCapital*), Claudio Couto (*Fora da Política não há Salvação*) e Luis Nassif (*GGN*) discutem os principais assuntos do cenário político em conversas profundas, com análises objetivas e opiniões contundentes sobre a política nacional.

SE VOCÊ TEM POLÍTICA NO SANGUE,
OUÇA ***POLÍTICA NA VEIA***

**TODA QUARTA-FEIRA,**
NO SPOTIFY, YOUTUBE E NAS PRINCIPAIS PLATAFORMAS DE ÁUDIO.

Carta

ines249

# COM WILL PAY, VOCÊ VENDE E RECEBE EM ATÉ 5 SEGUNDOS.

# WILL PAY

É mais rápido do que ler este anúncio todo.

SEU NEGÓCIO PODE SER MAIS WILL.

will BANK

O recebimento em até 5 segundos é exclusivo para pagamentos realizados por aproximação (Tap to Pay).